



FUNCIONAMENTO FAMILIAR E O COMPORTAMENTO DESVIANTE NO
ADOLESCENTE:
A MEDIAÇÃO DA PERCEÇÃO DE RISCO E PERCEÇÃO DE FALSO *SELF*

FILIPA MARTINS PINTO GARCIA

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Professora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

2022



Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no Ispa – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais pela compreensão e pelo apoio incondicionais.

Ao meu irmão pelos momentos de descontração e reflexão.

Ao meu namorado, pelo amor e pelo incentivo incondicionais durante todo o processo.

Por acreditar em mim e me fazer querer ser melhor.

À Andreia por toda a ajuda e disponibilidade.

À Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira por todo o ensinamento.

E às minhas colegas de estágio pela abertura à partilha e apoio.

Resumo

O presente estudo pretende fornecer evidências acerca do funcionamento familiar (coesão e flexibilidade) do adolescente e do impacto nos comportamentos desviantes à luz do Modelo Circumplexo de Olson (2000). É certo que a família representa um papel preditivo no desenvolvimento do comportamento delinquente dos jovens. Assim, o presente estudo pretende avaliar qual das dimensões do sistema familiar tem um maior impacto nos comportamentos desviantes dos jovens, explorando também a mediação da percepção de risco e da percepção de falso self do jovem.

Neste estudo participaram 182 adolescentes com idades entre os 15 e os 21 anos, sendo que os instrumentos utilizados foram a Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV) (Olson, 2011), a Escala de Comportamentos Desviantes (Sanches & Gouveia-Pereira, 2013), a Escala de Percepção de Risco adaptada (Benthin et al., 1993) e a Escala de Percepção de Falso Self (Weir & Jose, 2010).

Os resultados revelaram que a coesão familiar tem um maior impacto no desvio juvenil do que a flexibilidade, sendo que a percepção de risco do jovem medeia a relação entre o sistema familiar e a desviância. A variável da percepção de falso *self* não se revelou mediadora desta relação. As limitações da presente investigação são discutidas.

Palavras-chave: Modelo Circumplexo, Coesão Familiar, Flexibilidade Familiar, Comportamento Desviante, Percepção de Risco, Falso *Self*

Abstract

The present study intends to provide evidence about the adolescent's family functioning (cohesion and flexibility) and the impact on deviant behaviors in the light of Olson's Circumplex Model (2000). It is true that the family is a very important socialization agent and that it plays a central and predictive role in the development of juvenile delinquent behavior (Herman et al., 1997; Ary et al., 1999). Thus, the present study assesses which of the dimensions of the family system has the greatest impact on young people's deviant behaviors, also exploring the mediation of young people's perception of risk and false self perception.

In this study, 182 adolescents aged between 15 and 21 participated, and the instruments used were the Family Flexibility and Cohesion Scale (FACES IV) (Olson, 2011), the Deviant Behavior Scale (Sanches & Gouveia- Pereira, 2013), the adapted Risk Perception Scale (Benthin et al., 1993) and the False Self Perception Scale (Weir & Jose, 2010).

The results revealed that family cohesion has a greater impact on juvenile deviance than flexibility, with young people's perception of risk mediating the relationship between the family system and deviance. The false self perception variable did not prove to be a mediator of this relationship. The limitations of the present investigation are discussed.

Key-words: Circumplex Model, Family Cohesion, Family Flexibility, Deviant Behavior, Risk Perception, False *Self*.

Índice

1. O funcionamento familiar e o adolescente	1
2. Funcionamento familiar e comportamento desviante	4
3. O funcionamento familiar, a percepção de risco e a desviância juvenil	8
4. O funcionamento familiar, a percepção de falso <i>self</i> e a desviância juvenil.....	11
5. O presente estudo.....	14
6. Método	16
6.1. Participantes	16
6.2. Instrumentos	17
Questionário Sociodemográfico	17
Escala sobre o Funcionamento Familiar	17
Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes	18
Escala de Percepção de Risco	19
Escala Percepção do Falso Self	21
6.3. Procedimento.....	21
7. Resultados	23
7.1. Funcionamento familiar e comportamento desviante.....	23
7.2. A percepção de risco como mediadora entre o funcionamento familiar e a desviância juvenil.....	24
7.3. A percepção de falso <i>self</i> como variável mediadora entre o funcionamento familiar e a desviância juvenil	27
8. Discussão.....	30
8.1. Funcionamento familiar e desviância juvenil.....	30
8.2. Funcionamento familiar, a percepção de risco e desviância juvenil	32
8.3. Funcionamento familiar, percepção de falso <i>self</i> e desviância juvenil.....	35
9. Limitações e propostas para estudos futuros.....	38
Referências	40
ANEXOS.....	48

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa Conjugal e Familiar (Olson, 2011).....	3
Figura 2: Fórmulas para Obtenção dos Rácios do Modelo Circumplexo. Adaptada de “FACES IV Manual”, Olson (2010).....	18
Figura 3: Modelo de mediação.....	26
Figura 4: Modelo de mediação.....	26
Figura 5: Modelo de mediação.....	28
Figura 6: Modelo de mediação.....	29

Lista de Tabelas

Tabela 1: Caracterização dos participantes.....	16
Tabela 2: Análise fatorial da FACES IV com o Método Rotação Varimax.....	20
Tabela 3- Análise das Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo.....	23
Tabela 4- Análise das Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo e Comportamento Desviante.....	24
Tabela 5- Análise das Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo, as dimensões da Percepção de Risco e Comportamentos Desviantes.....	25
Tabela 6- Análise das Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo, o Falso Self e Comportamento Desviante.....	28

1. O funcionamento familiar e o adolescente

Sabe-se que é durante a fase da adolescência que os jovens tendem a iniciar os seus comportamentos desviantes (Negreiros, 2001), sendo que a família e os fatores a ela associados representam um papel preditivo no que diz respeito a uma adaptação social positiva do adolescente, potenciando ou minimizando as suas capacidades (Braconnier & Marcelli, 2000).

Vários autores concluíram nas suas investigações que a predominância de práticas parentais negativas e inconsistentes levam a que o adolescente as replique e, conseqüentemente, generalize estas práticas ao resto da sociedade (Simons, Whitbeck, Conger, & Conger 1991). Pelo contrário, práticas parentais competentes, vantagens a nível socioeconómico e redes de apoio e de suporte são fatores preditores de um comportamento ajustado por parte do adolescente (Masten & Coatsworth, 1998; Roth & Brooks-Gunn, 2000).

Nesta sequência, ressalva-se, assim, a importância de agir e trabalhar com as famílias as suas práticas parentais, de modo a haver um equilíbrio no sistema familiar, minimizando o comportamento desviante do adolescente. Assim, este estudo tem o objetivo de explorar em que medida os aspetos do funcionamento familiar influenciam o comportamento desviante, tendo em conta duas variáveis que poderão ter efeitos mediadores nestes comportamentos: a perceção de risco e de falso *self*.

Relvas (1996) ressalva que a família é um fator determinante para o crescimento e desenvolvimento de qualquer indivíduo, estando inerente um processo dinâmico de evolução e mudança, incluindo conflitos, crises e outros eventos pelas quais a família passa.

Minuchin (1981) diferencia cinco etapas sequenciais pelas quais uma família passa, caracterizando assim o Ciclo Vital da Família. São elas: a formação do casal, a família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos. Durante este percurso é expectável que ocorram diversas situações e adversidades, as quais irão exigir aos membros da família uma adaptação da sua parte e, conseqüentemente, uma modificação na estrutura e no tipo de funcionamento da própria família (Relvas, 1996).

Ao mesmo tempo que este ciclo decorre, a família deverá, então, salvaguardar várias funções, tanto de proteção e de afeição, como de suporte e formação social, as quais são decisivas e preditoras do desenvolvimento dos filhos (Campos, 2004). Assim, uma

família dita funcional mostra-se afetuosa, com presença de diálogo entre os mesmos, coesa e com regras flexíveis e limites claros, providenciando recursos necessários ao desenvolvimento e crescimento individuais e, também, apoio face a situações adversas (Lidchi & Eisenstein, 2004).

De uma maneira abrangente, vários estudos demonstram como desequilíbrios no funcionamento familiar potenciam o envolvimento do adolescente em comportamentos problemáticos a vários níveis, como práticas sexuais de risco (Riesch et al., 2006), práticas alimentares desreguladas e inadequadas (Rhee et al., 2006), bem como o consumo de estupefacientes (Williams et al., 2002) e, inclusive, o suicídio (Evans et al., 2004).

Neste sentido, é expectável que o adolescente seja mais propenso a ter comportamentos agressivos e impulsivos, ou até mesmo suicidas, se a família não assegurar as tais funções de proteção, afeição e suporte e formação social (Borges & Werlang, 2006).

Tendo a presente investigação como foco o adolescente, é preciso ter em conta esta fase crucial que é a adolescência. Este período de transição da infância para idade adulta inicia-se com a puberdade, sensivelmente por volta dos 12-13 anos nos rapazes e, nas raparigas, por volta dos 10-11 anos, até, aproximadamente o final da segunda década de vida, não sendo consensual o seu limite cronológico (Palacios, 1995).

Esta fase inclui diversas alterações e adaptações biológicas às quais o adolescente está sujeito, sofrendo transformações ao nível de processos de pensamento e da construção da sua identidade (Medeiros, 2000).

Neste sentido, os pais necessitam, também eles, de se adaptar a esta fase da adolescência do filho, ajustando os limites e regras sendo flexíveis, promovendo a autonomia (Sampaio, 2006). Grossman (1992) evidencia que adolescentes que têm uma relação de proximidade com os pais têm mais facilidade em lidar com situações sociais adversas e negativas. Outros estudos demonstram que relações familiares de suporte e de apoio reduzem o risco do adolescente vir a consumir substâncias ou de exibir problemas no comportamento (Padilla-Walker et. al, 2008).

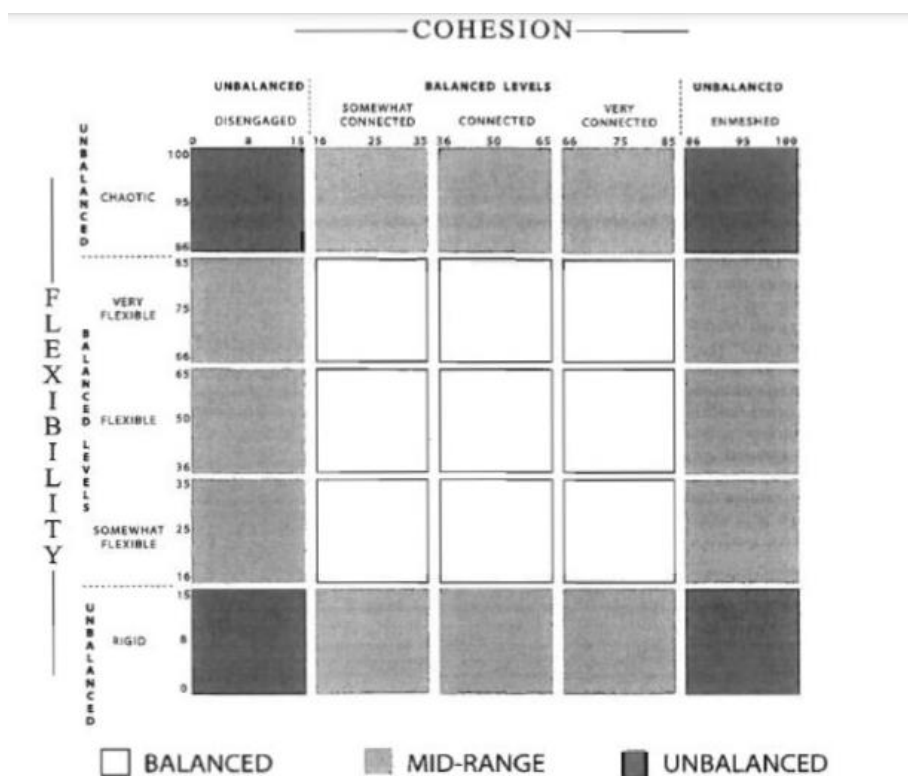
Mostra-se, assim, evidente, que a família desempenha um papel crucial e preditivo na vida de um adolescente, nos seus comportamentos e saúde mental.

Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares

O Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares (Olson, 2000) integra uma abordagem sistêmica, analisando três dimensões fundamentais para aceder à compreensão do funcionamento familiar: a coesão familiar, a flexibilidade familiar e a comunicação familiar que funciona como fator facilitador de ambas as dimensões (Olson, Gorall, 2003).

Com base neste Mapa Conjugal e Familiar (Figura 1), um sistema familiar funcional vai mudando a sua dinâmica sempre que as adversidades assim o exigirem, de modo a manter o equilíbrio familiar; ao contrário de um sistema disfuncional que se mantém estático, sem adequação das necessidades da família (Olson & Gorall, 2003).

Figura 1- Mapa Conjugal e Familiar (Olson, 2011)



Coesão familiar

Esta dimensão caracteriza-se pelo laço emocional entre os membros da família, as várias atividades de interesse que partilham, as tomadas de decisão e as barreiras entre os membros (Olson & Gorall, 2003).

A coesão analisa-se num continuum de cinco níveis: desde as famílias desagregadas, as quais apresentam uma coesão extremamente baixa; até às famílias aglutinadas que apresentam uma coesão muito alta (Olson & Gorall, 2003). Segundo estes autores, os dois níveis extremos de funcionamento nesta dimensão estão relacionados a sistemas familiares desequilibrados, enquanto os restantes se associam a funcionamentos mais equilibrados (Olson & Gorall, 2003).

Este modelo postula que o funcionamento em níveis extremos de coesão potencia problemas tanto a nível individual como familiar (Olson & Gorall, 2003).

Flexibilidade familiar

A dimensão de flexibilidade tem em conta fatores como a qualidade de liderança, os papéis e regras relacionais, bem como a capacidade de estabilidade e mudança (Olson & Gorall, 2003).

A flexibilidade familiar também funciona num continuum de cinco níveis, variando desde famílias rígidas que apresentam uma flexibilidade muito baixa, até às famílias caóticas as quais revelam uma flexibilidade muito alta (Olson & Gorall, 2003).

Este modelo postula, então, que ambos os níveis extremos de flexibilidade familiar resultam num funcionamento familiar desequilibrado -potenciando comportamentos problemáticos- e, pelo contrário, níveis centrais de flexibilidade familiar representam sistemas familiares funcionais e equilibrados (Olson & Gorall, 2003).

2. Funcionamento familiar e comportamento desviante

Primeiramente, é de ressaltar que a problemática no comportamento é potenciada por uma variedade de fatores desde ao nível individual, como a impulsividade, passando por questões familiares, como a fraca vinculação aos pais, até a fatores relacionados com o comportamento dos pares e com a comunidade (Fonseca, 2004).

Além disso, de notar que Arnett (1992 cit. Martins, 2005) concluiu que as condutas problemáticas que os jovens adotam como o uso de estupefacientes, a condução sob o efeito do álcool e ter relações sexuais desprotegidas e a delinquência ocorrem mais frequentemente na adolescência, uma vez que nesta fase o adolescente procura uma vivência repleta de sensações fortes.

Diversos autores se debruçam sobre o estudo da conduta desviante, no entanto poderá haver alguma controvérsia quanto à sua definição, uma vez que poderão ser utilizadas definições diferentes para um mesmo conceito. Importa, então, diferenciar vários conceitos que surgem frequentemente na literatura, como o comportamento delincente, comportamento anti-social e o comportamento estudado na presente investigação, o comportamento desviante.

Segundo Negreiros (2001), o termo delinquência remete para a realização de qualquer ato que transgrida a lei, tendo uma designação jurídica.

De maneira a explicar parte destes comportamentos, Matos (2002) refere que a delinquência juvenil é praticada pelos adolescentes, uma vez que só assim conseguem superar esta fase de vida tão atribulada. Ainda, Born (2005) salienta que a delinquência na adolescência resulta de uma necessidade do jovem de se tornar independente e autónomo, havendo um afastamento em relação à família. Nesta experiência de autonomia e de procura de limites, e uma vez que não tem o controlo da família, o jovem acaba por transgredir as normas sociais

A delinquência refere-se a comportamentos que transgridem a lei (Matos, 2002) enquanto o comportamento anti-social abrange uma maior diversidade de comportamentos, incluindo agressão e desafio, roubo e uso de drogas, sendo um comportamento que viola as normas sociais (Hinshaw & Zupan, 1997 cit. Vieira, 1999).

Ainda, e em linha com o presente estudo, Sanches e Gouveia-Pereira (2010) designam por comportamentos desviantes juvenis aqueles que “violam as normas e expectativas sociais, sem que haja necessariamente uma infração legal, como é o caso da delinquência”. Desta forma, uma vasta variedade de comportamentos é abrangida por este conceito, incluindo delitos (*e.g.* conduzir sem carta, roubar, vender droga) e comportamentos que violam as normas sociais e que não são puníveis legalmente (*e.g.* faltar às aulas, fumar, copiar nos testes e mentir à família).

A investigação sugere que existem preditores do comportamento anti-social infantil e juvenil que remetem tanto para características individuais, como familiares (Wasserman & Seracini, 2001). Sprinthall e Collins (1999) concluíram que, a nível familiar, existem fatores que potenciam a adoção do comportamento delincente por parte do jovem como é o caso da desagregação familiar e atitudes de hostilidade e indiferença dos pais perante os filhos, incluindo uma supervisão inadequada e uma disciplina irregular ou severa.

Nesta sequência, ressalva-se, assim, a importância das práticas parentais no equilíbrio do sistema familiar e eventual desenvolvimento de comportamento desviante do adolescente. De forma a exemplificar, investigações concluíram que a predominância de práticas parentais negativas e inconsistentes levam a que o adolescente as replique e, conseqüentemente, generalize estas práticas ao resto da sociedade (Simons et. al, 1991).

Além destes autores, Wasserman e Seracini (2001) destacam indicadores como comportamentos de delinquência dos pais, o tamanho da família, problemas mentais da mãe, competências parentais pobres ou inconsistentes e a violência doméstica que podem motivar o desenvolvimento de comportamentos anti-sociais na criança.

Por último, destaca-se a investigação de vários autores que aponta para o surgimento de mais problemáticas nos comportamentos do adolescente quando a família apresenta níveis de conflito elevado e um envolvimento pobre e, também, uma monitorização inadequada das relações dos filhos com os pais e das suas atividades (Ary et al., 1999).

É certo que cada família estabelece padrões de interação diferentes e específicos, os quais caracterizam a sua estrutura e que, por sua vez, determinam a maneira como o sistema familiar opera e funciona e os comportamentos de cada membro que a integra (Minuchin, 1988; Du & Kim, 2020).

Vários investigadores, utilizando o Modelo Circumplexo, verificaram que existe uma relação linear entre baixos níveis de ambas as dimensões de coesão e flexibilidade e a conduta desviante do jovem (Blaske et al., 1989; Shields & Clark, 1995). Também, Gomes e Pereira (2014) verificaram com uma amostra portuguesa que níveis de coesão e flexibilidade desequilibrados estão associados a um menor autocontrolo, resultando num maior número de comportamentos de delinquência, sendo que a última versão da escala relativa a este modelo já se encontra validada para a população portuguesa num estudo realizado por Gomes e outros colaboradores (2020), o qual revelou no geral uma boa fiabilidade.

No entanto, a literatura não é consensual sobre o facto de a delinquência ser mais influenciada pela coesão ou pela flexibilidade familiar, sendo que o presente estudo tenta clarificar e dar respostas no sentido de perceber qual destas duas dimensões terá mais impacto na conduta desviante do jovem.

Por um lado, a coesão tem sido amplamente estudada e identificada como um dos fatores fundamentais do desenvolvimento da delinquência juvenil. Minuchin (1988) sublinha a relação linear entre a família e a desviância juvenil, uma vez que jovens

oriundos de famílias com níveis baixos de coesão familiar apresentam mais comportamentos desviantes.

Vários estudos refletiram a importância da coesão familiar na conduta comportamental do jovem, no sentido em que jovens provenientes de famílias menos coesas e mais conflituosas apresentam mais problemas no comportamento (Matherne & Thomas, 2001; Slee, 1996; Zimmerman et al., 1998).

Outras investigações revelaram que adolescentes que provêm de uma família com níveis de coesão disfuncionais são mais propensos a ter início sexual mais cedo (Kapungu, Holmbeck, & Paikoff, 2006), ao consumo de drogas (Kliewer et al., 2006) e mais propensos a consumirem álcool (Reeb et al., 2015), salientando o baixo nível de coesão destas famílias.

Verifica-se assim que as relações com os pais são um fator chave no desenvolvimento dos jovens. Os jovens que se sentem próximos dos seus cuidadores tendem a valorizar mais as suas opiniões, estando mais propensos a procurar orientação e apoio em situações difíceis (Ackard et al., 2006). E uma vez que passam mais tempo com a sua família, têm menos oportunidades de se envolver em comportamentos desviantes (Crawford & Novak, 2008).

Por outro lado, a investigação também se debruça sobre a flexibilidade familiar, visando conhecer o seu papel e impacto no que diz respeito à conduta delincente juvenil. Diversas investigações concluíram que os jovens que apresentavam mais problemáticas na conduta desviante eram provenientes de famílias rígidas (Sanni et al., 2010; Shields & Clark, 1995; Blaske et al., 1989), verificando-se o mesmo para famílias com um funcionamento no extremo oposto, consideradas famílias caóticas (Bullerjahn, 2020).

Ausloos (2003), por exemplo, afirma que jovens delinquentes provêm de famílias essencialmente caóticas em termos de flexibilidade. Este tipo de funcionamento familiar não é capaz de incutir limites ao adolescente, pondo em causa a adaptação normal de socialização do jovem, refletindo-se em atitudes agressividade e na prática de condutas delinquentes (Alarcão, 2006).

Uma vez que a flexibilidade familiar, como Olson (2000) a descreve, integra aspetos de estilos de liderança dos pais como o controlo e a disciplina, estes podem ser equiparados ao fator de supervisão parental (*e.g.* monitorização das atividades dos filhos) (Farrington & Welsh, 2007).

Neste sentido diversos estudos revelam como adolescentes delinquentes são os que mais experienciam uma fraca supervisão parental, comparativamente aos adolescentes considerados não-delinquentes (Kerr & Stattin, 2000; Wilson, 1980).

Mais investigações demonstram que uma elevada flexibilidade familiar- traduzida em fracas práticas parentais, como a falta de supervisão- prevê vários aspetos da conduta desviante do jovem, como o consumo de álcool e drogas (Donaldson et. al, 2016; Barnes et. al, 2005), comportamento anti-social (Waller et. al, 2013) e delinquência (Jang & Smith, 1997; Walters, 2021).

Posto isto, fica evidente que ambos os extremos da flexibilidade, tanto rígida como caótica, são preditores do comportamento desviante do adolescente.

Concluindo, uma família disfuncional tanto pode potenciar o desenvolvimento do comportamento delinvente, como, por outro lado, uma família com relações saudáveis e funcionais ajuda a mitigar o comportamento desviante, mesmo quando outros aspetos da vida do adolescente, como os pares e a escola, não correspondem às suas necessidades (Fleener, 1999).

3. O funcionamento familiar, a perceção de risco e a desviância juvenil

O estudo da perceção de risco na adolescência é importante, considerando que é, precisamente, nessa fase da vida que o jovem procura viver novas experiências, quase numa busca constante, o que poderá levar a uma maior vulnerabilidade e suscetibilidade à adoção de comportamentos de risco (Paulino & Lopes, 2010).

Sendo que os comportamentos de risco dizem respeito a qualquer atividade ou situação que possa pôr em causa a saúde -tanto física como mental- do adolescente (Feijó & Oliveira, 2001), a maioria das definições de risco na literatura compreende dois fatores: a probabilidade de dano e a magnitude do mesmo, uma vez que o dano se refere a tudo o que constitui uma ameaça para o próprio e tudo aquilo que ele valoriza (Hohenemser, Kates, & Slovic, 1985 cit. in Bodemer & Grassmaier, 2015).

Assim, o conceito de perceção de risco tem em conta as crenças, julgamentos e atitudes que o sujeito adquire ao longo da vida em relação a situações de perigo e de risco, bem como os seus benefícios (Pidgeon et. al, 1992 cit. in Bodemer & Graissmaier, 2015).

É certo que a curiosidade inerente ao adolescente, aliada à influência do meio, seja através do grupo ou da família, constitui um fator que poderá tornar o jovem vulnerável

a comportamentos de risco, podendo ter consequências a nível individual, como familiar e social (Feijó & Oliveira, 2001).

Mais se adianta, segundo Douglas (1978), que a perceção de risco é um construto mental baseado em fatores sociais e culturais, uma vez que o ser humano é um ser social e, por isso, o contexto em que está inserido não deve ser desvalorizado; pelo contrário, considerado. Ou seja, não é possível explicar como as pessoas percebem e entendem os riscos, sem considerar o seu contexto social, pois é na interação com outras pessoas que se criam as normas e os entendimentos, a partir dos quais o indivíduo dá sentido ao mundo que o rodeia (Weick, 1995).

Por esse motivo, o presente estudo tem em conta o funcionamento familiar, pretendendo perceber de que forma as dinâmicas e as relações entre os membros poderão influenciar a perceção de risco do adolescente e, conseqüentemente, os comportamentos desviantes.

Neste sentido ressalva-se a investigação de diversos autores (Zakiei et al., 2022) tendo em conta a perceção de risco das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e os comportamentos de risco associados (*e.g.* relações sexuais desprotegidas). Este estudo avaliou diversos fatores e as relações entre os mesmos: o suporte social, funcionamento familiar, a perceção de risco das DST e a adoção do comportamento de risco associado. Os resultados demonstraram que o funcionamento familiar (*e.g.* envolvimento e responsividade emocional, papéis relacionais e controlo) e o suporte social (*e.g.* família, amigos e outros) está inversamente relacionado com a perceção de risco, na medida em que quanto mais equilibrado o sistema familiar, maior a perceção de risco do adolescente. Concluiu-se também que a perceção de risco teve um efeito mediador na relação entre o funcionamento familiar e o comportamento de risco, prevendo esse mesmo comportamento.

Mais se salvaguarda a investigação de Rezaei e outros colaboradores (2022) a qual avalia o impacto da família na perceção de risco das crianças relativamente à segurança rodoviária e os comportamentos associados. Os resultados demonstraram como práticas parentais negativas (fraca monitorização e punição corporal), bem como práticas positivas (envolvimento parental) e fatores demográficos (*e.g.* idade e estatuto sócio-económico da família) influenciam a capacidade de perceção de risco da criança relativamente a comportamentos associados a segurança rodoviária (*e.g.* distrair o condutor, brincar na estrada, entre outros).

Passando agora à revisão de literatura que relaciona a percepção de risco do adolescente e a sua conduta desviante, é de realçar que são vários os estudos que demonstram associações entre o envolvimento em comportamentos de risco e as percepções dos adolescentes sobre os riscos desses mesmos comportamentos. Benthin e outros investigadores (1993) mostraram que os adolescentes que se envolvem em comportamentos de risco (30 comportamentos foram avaliados, como o consumo de álcool e drogas e relações sexuais) tendem a percebê-los como sendo mais benéficos do que prejudiciais, uma vez que esses comportamentos trazem consequências positivas (*e.g.* aceitação dos pares).

A partir de uma amostra de adolescentes mais substancial, Hampson e outros colaboradores (2001) comprovaram uma maior participação em atividades relacionadas ao álcool associada a uma menor percepção dos riscos devido à sobreposição da percepção dos benefícios (*e.g.* aceitação dos pares).

Gullone e Moore (2000) desenvolveram uma investigação abrangendo 459 adolescentes de maneira a perceber -entre outros fatores- a relação entre a percepção de risco na adolescência e a adoção de comportamentos de risco, tendo em conta uma grande variedade de comportamentos, desde comportamentos não-delinquentes (como paraquedismo), a comportamentos antisociais, até aos de alto risco (como beber e conduzir e fumar). Os resultados indicaram que o nível de participação em atividades de risco está negativamente relacionado com a percepção de risco, indicando como é mais provável a adoção de comportamentos quando a percepção de risco é baixa. Também, os mesmos resultados demonstraram como o julgamento que o jovem faz do risco, é um fator preditor da adoção de comportamentos de risco- entre outros fatores, como características da personalidade, a idade e o sexo (Gullone & Moore, 2000).

Da mesma maneira, Essau (2004) demonstrou como o julgamento de risco associado a diversos comportamentos (*e.g.* beber, fumar e importunar os pares) está inversamente relacionado com esses mesmos comportamentos.

De forma a clarificar a motivação destes comportamentos, Jessor (1984) sublinha a ideia de que a adoção deste tipo de comportamentos de risco poderá ser vista como um meio para conseguir atingir certos objetivos, os quais, de outra forma, não seria possível alcançar. Como exemplo, Jessor (1984) indica que estes comportamentos são percebidos pelos adolescentes como uma forma eficaz de adquirirem a sua independência e de, certa forma, fugirem ao controlo parental.

Concluindo, os estudos evidenciaram como o envolvimento dos adolescentes em comportamentos de risco é bastante comum e como esse envolvimento em tais comportamentos está correlacionado com a sua percepção de risco, sendo certo que a família (entre outros fatores) exerce um papel na formação dessa mesma percepção de risco do adolescente.

4. O funcionamento familiar, a percepção de falso *self* e a desviância juvenil

Subjacente à fase de adolescência, tem-se a construção da identidade que é um processo fundamental no desenvolvimento do jovem, pois é ao longo desta etapa que o jovem consegue adquirir uma nova visão do mundo, uma outra subjetividade, a qual renova a representação que tem de si próprio e dos outros (Winnicott, 1965).

Segundo Kimmel e Weiner (1998), o desenvolvimento e consolidação do sentimento de identidade do jovem é um fator protetor, possibilitando que o jovem se valorize e aprecie a sua identidade, ao mesmo tempo que consegue identificar as suas capacidades e limitações. Assim, um jovem que não consiga consolidar este sentimento de identidade, é mais suscetível de precisar de validação e apoio exterior e de não reconhecer o outro como pessoa distinta (Kimmel & Weiner, 1998).

A Teoria do Ego de Winnicott (1965) define que, na essência, esta formação da identidade e do “Eu/*Self*” de um indivíduo consiste na organização de um verdadeiro *self* e um falso *self*. Winnicott refere que o verdadeiro *self* se relaciona com o lado interno e espontâneo do jovem, enquanto o falso *self* surge como uma consequência do lado que interage e que se relaciona com o mundo, encobrendo e mascarando o verdadeiro eu (Winnicott, 1965). Assim, e conforme explica a literatura clínica, o fenómeno do falso *self* está associado a uma alienação de qualquer sentido de um Eu real e validado, salientando como fator inerente a ausência de uma validação adequada por parte das figuras parentais (Bleiberg, 1984; Winnicott, 1965).

Segundo a teoria de Winnicotti (1965), o falso *self* começa a desenvolver-se de forma a que a criança consiga adaptar-se ao meio, uma vez que a mãe não é suficientemente boa e falha repetidamente em satisfazer as necessidades e o gesto espontâneo do bebê, cuja fonte é o *self* verdadeiro (Winnicott, 1965).

Complementando, sob uma perspectiva social, a literatura descreve que a adoção do falso *self* é motivada pela tentativa do adolescente se apresentar perante o mundo e os

outros de uma certa forma, de maneira a impressionar e obter a aceitação e validação dos outros significativos (Snyder, 1987). Ou seja, o desenvolvimento de um falso *self* e, conseqüentemente, deste comportamento associado, ocorre não porque o adolescente se esforça para, por exemplo, corresponder aos seus ideais, mas porque acredita que deve agir desta maneira pois só assim adquire a aprovação social (Harter, 2000).

Aliado ao desenvolvimento da identidade pessoal e social, decorre outra das principais tarefas da adolescência, a construção de múltiplos *selves* (James, 1890). Este autor refere que o jovem se apresenta de determinada forma consoante o contexto em que se encontra, adaptando os seus comportamentos e atitudes, isto é, o jovem tem tantos *selves* sociais quanto o número de grupos e de pessoas com quem ele se relaciona (James, 1890).

Neste sentido, perante a emergência de um falso *self* num determinado contexto, verifica-se o que Harter (1990) designa de comportamento do falso *self* -*False Self Behavior*-, o qual se traduz em ações e socializações que não refletem o verdadeiro Eu do adolescente. Segundo a investigação de Harter e colaboradores (1997) os resultados demonstraram como os jovens adaptam o seu comportamento consoante a natureza específica da relação interpessoal e o contexto situacional incluindo a família e os pares, uma vez que dessas interações emerge um comportamento associado ao falso *self*.

A investigação demonstra como o surgimento deste comportamento se relaciona com a falta de suporte e de validação que o adolescente sente e percebe por parte de figuras significativas – tanto família, como grupo de pares-, levando a que este altere o seu comportamento, de modo a obter essa validação e apoio (Harter et al., 1996).

Também, é notório que o estilo parental e as relações entre pais e filhos têm um grande impacto no desenvolvimento do *self* do adolescente e no seu ajustamento socio-emocional (Goldner et al., 2016). Nomeadamente, questões como manipulação e atribuição de culpa dos pais para com os filhos mostraram-se negativamente associadas a comportamentos do verdadeiro *self* e positivamente relacionadas com motivos para a adoção de comportamentos de falso *self* (Goldner et al., 2016).

Especificamente, a investigação demonstra que más práticas parentais, como a manipulação, atribuição de culpa, invalidação da perspectiva do filho, a dissolução das barreiras e dos papéis pai-filho impedem o jovem de desenvolver e consolidar o seu próprio *self* de uma maneira saudável, resultando assim em distúrbios no funcionamento psicossocial (Barber, 2002; Barber and Harmon 2002; Soenens et al., 2015).

Neste sentido, e para Winnicott (1965), a delinquência e outros comportamentos semelhantes podem ser vistos como um protesto de autoafirmação por parte do jovem, consequente de uma falha no ambiente familiar do mesmo.

Ao analisar questões relacionadas com a identidade, como é a percepção do falso *self*, não se deve desprezar o contexto histórico e cultural onde o adolescente está inserido, uma vez que estes fornecem indicadores da formação de identidade, a qual é construída e sustentada pela comunidade (Erikson, 1987).

Concluindo, a adolescência, além das transformações inerentes a vários níveis - físico, psicológico, emocional, social, económico- é, também, uma fase acompanhada pela procura de identidade e confusão de identidade (Erikson, 1972). Neste sentido, os adolescentes, perante as suas escolhas e comportamentos decorrentes das várias situações do quotidiano, apresentam, muitas vezes, um comportamento que desafia as normas sociais, considerado desviante (Born, 2005).

5. O presente estudo

Como se pôde perceber, a delinquência juvenil é um fenómeno influenciado por uma diversidade de fatores (Braconnier & Marcelli, 2000), sendo que a presente investigação tem como objetivo perceber o impacto do funcionamento familiar nos comportamentos desviantes dos jovens e analisar de que forma o falso self e a perceção de risco influenciam e medeiam os comportamentos delinquentes em adolescentes.

As dinâmicas familiares influenciam a adoção e o desenvolvimento de comportamentos delinquentes no adolescente, uma vez que a família se apresenta como um dos fatores preditivos e centrais do comportamento dos jovens (Herman et. al, 1997; Ary et al., 1999).

Se por um lado os estudos refletem um aumento do desvio juvenil perante níveis disfuncionais de coesão e vínculo familiar (Kliewer et al., 2006; Matherne & Thomas, 2001), outras investigações demonstraram que funcionamentos familiares, tanto caóticos como rígidos (Kerr & Stattin, 2000; Walters, 2021; Wilson, 1980; Sanni et al., 2010; Shields & Clark, 1995) potenciam o comportamento desviante do adolescente. Neste sentido, torna-se pertinente clarificar qual destas dimensões (coesão e flexibilidade) terá mais impacto na conduta juvenil, no sentido de poder intervir clinicamente perto das famílias de uma forma mais eficaz.

Assim, surge então a **primeira hipótese**: espera-se que a Coesão Familiar tenha um maior impacto na adoção de comportamentos desviantes por parte do jovem-existindo uma correlação negativa, ou seja, quanto mais equilibrada a Coesão, menos Comportamentos Desviantes; comparativamente à Flexibilidade Familiar que irá ter um menor impacto nesses comportamentos (havendo também uma correlação negativa entre estas variáveis, isto é, quanto mais equilibrada a Flexibilidade, menos Comportamentos Desviantes).

Ainda, a investigação indica como fatores familiares (*e.g.* controlo e envolvimento parental)- entre outros fatores- representarem um dos elementos preditores na formação da perceção de risco do jovem, refletindo-se, assim, em mais ou menos comportamentos desviantes e de risco (Zakiei et al., 2022; Gullone & Moore, 2000; Essau, 2004).

Assim, tem-se como **segunda hipótese**: espera-se que a Perceção de Risco (perceção da Gravidade e Controlo dos Risco) seja mediadora na relação entre o Funcionamento familiar (Coesão e Flexibilidade equilibradas) e o Comportamento Desviante, havendo uma relação positiva com o funcionamento familiar e negativa com

o comportamento desviante. Isto é, quanto menos funcional a Coesão e Flexibilidade Familiar, menor será a percepção de risco dos jovens e, por sua vez, mais comportamentos apresentarão.

Por fim, a literatura indica que fatores ligados ao funcionamento familiar (*e.g.* suporte parental e dissolução de barreiras entre os membros) refletem-se na adoção de um falso self (Goldner et al., 2017; Barber, 2002; Barber e Harmon 2002; Harter et al., 1996. Esta percepção de falso self, aliada a sentimentos de auto-rejeição pode conduzir a um maior número de comportamentos desviantes de forma a que o jovem consiga obter validação e apoios de outros (Kaplan et al., 1982; Kaplan, 1978; Michikyan et al., 2014).

Neste sentido, surge a **terceira hipótese**: a variável percepção de falso *self* terá um efeito mediador entre o funcionamento familiar (coesão e flexibilidade) e os comportamentos desviantes, tendo uma relação negativa com o funcionamento familiar e positiva com os comportamentos desviantes. Isto é, quanto menos funcional a coesão e a flexibilidade familiar do jovem, maior a sua percepção de falso self e, conseqüentemente, maior número de comportamentos desviantes apresentados pelo jovem.

6. Método

6.1. Participantes

A amostra em estudo é constituída por 182 participantes, oriundos de escolas secundárias de Lisboa e do Barreiro. Destes 182 participantes, a maioria, 112, são do género masculino (61,5%), sendo que a idade varia entre os 15 anos e os 21 anos com uma média de idades de 17,49 anos (DP= 1,12)) (Tabela 1).

Em relação ao ano de escolaridade dos participantes, este varia entre o 10º ano e o 12º ano. Assim, 103 jovens frequentam o 12º ano, 40 jovens frequentam o 10º ano e 39 o 11º ano. A caracterização da amostra encontra-se detalhada na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes

Variáveis		N	%
Género	Masculino	112	61,5
	Feminino	70	38,5
Escolaridade	10º ano	40	22
	11º ano	39	21,4
	12º ano	103	56,6
Total		182	100

No que respeita à nacionalidade dos participantes, 172 são portugueses (94,5%), 3 são angolanos, 2 jovens brasileiros e 2 moçambicanos e, por fim, existe 1 jovem de cada uma das nacionalidades: cabo-verdiana, romena e russa (Anexo A4).

Tendo em conta o agregado familiar 77 adolescentes (42,31%) vivem com o pai, mãe e irmãos, 39 jovens vivem com a mãe e o pai, 14 com a mãe e irmãos e 13 adolescentes vivem só com a mãe (Anexo A5).

Por fim, questionou-se, também, os participantes se têm, ou tiveram, algum familiar envolvido num processo criminal/judicial, sendo que uma maioria de 154 participantes responderam que nunca tiveram e 27 disseram que sim, variando o motivo do processo criminal entre agressão física, burla, roubo, homicídio, tráfico e consumo de estupefacientes e violência doméstica (Anexo A6).

6.2. Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Foi realizado um questionário sociodemográfico (Anexo B) de forma a recolher informação acerca dos participantes, nomeadamente a sua idade, género, ano de escolaridade, religião, com quem vivem e eventuais contactos com as forças de autoridade.

Escala sobre o Funcionamento Familiar

Esta escala (Olson et al., 1979) permite avaliar o funcionamento familiar e é composto por 42 itens compostos em seis subescalas, as quais avaliam níveis funcionais e disfuncionais das dimensões da coesão e da flexibilidade familiar, através de uma resposta tipo *Likert* de 5 pontos desde 1- Discordo Totalmente a 5- Concordo Totalmente (Gomes & Gouveia-Pereira, 2014).

A versão utilizada no presente estudo que se encontra validada para a população portuguesa (Gouveia-Pereira et al., 2020) apresenta 24 itens relativos à coesão e flexibilidade familiar (Anexo C), as duas dimensões analisadas na presente investigação.

Em relação às qualidades psicométricas da FACES IV, verificou-se que tanto a dimensão da coesão equilibrada ($\alpha=0,80$, $M=2,47$, $DP=0,60$), como a flexibilidade caótica ($\alpha=0,80$, $M=1,59$, $DP=1,15$) apresentam boa consistência interna. Contrariamente, a dimensão coesão aglutinada apresenta uma baixa consistência interna ($\alpha=0,52$, $M=1,41$, $DP=0,80$) (Marôco, 2014). As restantes dimensões apresentam uma consistência interna satisfatória, como é o caso da coesão desagregada ($\alpha=0,71$, $M=1,70$, $DP=0,98$), da flexibilidade equilibrada ($\alpha=0,74$, $M=2,19$, $DP=0,56$) e a flexibilidade rígida ($\alpha=0,77$, $M=1,93$, $DP=1,15$) (Anexo D) (Marôco, 2014).

No que respeita à operacionalização deste instrumento, Olson (2010) apresenta diversas formas de codificar os dados obtidos através da escala FACES IV, onde sugere a transformação dos valores dos dados em rácios para investigações empíricas. Assim, nesta investigação, a leitura dos dados da escala FACES IV foi realizada através dos rácios propostos pelo autor, os quais permitem comparar valores funcionais vs disfuncionais de cada sistema familiar (Olson, 2010).

Assim, podem ser criados três rácios (Rácio de Coesão Familiar, Rácio de Flexibilidade Familiar e Rácio Total Circumplexo ou do Funcionamento Familiar) por meio das fórmulas apresentadas na Figura 2.

Dividindo a média das escalas de coesão e flexibilidade familiar equilibradas pela média das escalas de coesão e flexibilidade desequilibradas, obtém-se os Rácio de Coesão Familiar e Rácio de Flexibilidade Familiar. Através destas médias, tem-se então o Rácio do Funcionamento Familiar, sendo que este pode variar entre 0.2 e 5. Resultados superiores a 1 indicam sistemas familiares mais funcionais, enquanto valores inferiores a 1 revelam famílias mais disfuncionais.

Figura 2- Fórmulas para Obtenção dos Rácios do Modelo Circumplexo. Adaptada de “FACES IV Manual”, Olson (2010).

$$\text{Rácio da Coesão} = \text{Coesão Equilibrada} / \frac{(\text{C. Desagregada} + \text{C. Emaranhada})}{2}$$

$$\text{Rácio da Flexibilidade} = \text{Flexibilidade Equilibrada} / \frac{(\text{F. Rígida} + \text{F. Caótica})}{2}$$

$$\text{Rácio do Funcionamento Familiar} = \frac{\text{Rácio da Coesão} + \text{Rácio da Flexibilidade}}{2}$$

Assim, este modo de operacionalização possibilita analisar a hipótese curvilínea do Modelo Circumplexo através da transformação dos dados. Assim, quanto mais abaixo de 1 for o resultado do rácio de um sistema familiar, mais desequilibrado é o seu sistema; e quanto mais acima de 1 for o resultado do rácio de um sistema familiar, mais equilibrado é o seu sistema.

Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes

A Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes (Anexo E) é utilizada para avaliar a diversidade dos comportamentos desviantes dos jovens, já validada para a população portuguesa (Sanches et al., 2016).

Esta escala contém 19 itens e questiona se o participante já realizou certos comportamentos, como o consumo de drogas e álcool, conduzir sem carta, roubos e assaltos, mentira, desafio e agressão a figuras de autoridade, posse de armas e vandalismo (Sanches et al., 2016). A resposta a estas questões é dicotómica, na medida em que os participantes respondem “Sim” ou “Não”.

A pontuação desta escala é obtida através da soma destes 19 comportamentos, sendo que pontuações mais altas indicam que foram praticados mais comportamentos desviantes e um maior envolvimento em atividades antissociais e o contrário para pontuações mais baixas (Sanches et al., 2016).

Em relação às qualidades psicométricas da Escala de Variedade de Comportamentos Desviantes, obteve-se um alfa de Cronbach $\alpha=0,90$, uma média de 4,00 e desvio padrão de 4,24 (Marôco, 2014) (Anexo F).

Escala de Perceção de Risco

Este instrumento foi, originalmente, construído por Benthin, Slovic e Severson (1993) com o objetivo de aceder à maneira como os adolescentes percecionam o risco associado a diversos comportamentos como fumar/consumir marijuana/cocaína, nadar, andar de bicicleta, entre outros.

Este instrumento contempla características como o risco pessoal (*eg.*: “Em que medida é que achas que a tua vida está em risco ao realizares estes comportamentos?”), os benefícios *versos* riscos associados aos vários comportamentos (*eg.*: “Em que medida é que achas que os benefícios destes comportamentos são superiores aos riscos?”), a gravidade dos efeitos dos comportamentos (*eg.*: “Em que medida é que achas que estes comportamentos são sérios/gravés?”) e o medo (*eg.*: “Em que medida é que achas que estes comportamentos ou riscos associados são assustadores?”).

Uma vez que esta escala ainda não se encontra traduzida e validada para a população portuguesa, procedeu-se, então, à sua adaptação e tradução. A versão final deste instrumento- e que foi aplicado na presente investigação-, apresenta um total de 11 itens, sendo que as respostas são registadas numa escala de Likert de 7 pontos (*eg.*: 1- Desconhecidos a 7- Muito conhecidos; 1- Nada em risco a 7- Muito em risco). (Anexo G)

Consequentemente, procedeu-se à análise fatorial exploratória dos itens de modo a agrupá-los, constituindo assim as diferentes dimensões da escala, as quais explicam 59,8% da variabilidade da perceção de risco (Anexo H). Assim, o programa *SPSS Statistics* sugere que os 11 itens se agrupem em três dimensões através do método de rotação Varimax (Tabela 2), do qual se obteve um valor de Kaiser-Meyer-Olkin $KMO=0,771$ - que indica uma boa adequação da amostragem ao instrumento. Também,

pelo teste de Barlett pode-se inferir que as variáveis estão correlacionadas na população ($p < 0,001$).

Posteriormente, recorreu-se ao alfa de Cronbach para avaliar a consistência interna de cada dimensão e tanto a dimensão 1- a qual se designou “Gravidade/seriedade dos Riscos”-, como a dimensão 2 - nomeada “Controlo dos Riscos.

Tanto a dimensão Gravidade dos Riscos ($\alpha = 0,83$ M= 11,00, DP= 9,08) como o Controlo dos Riscos ($\alpha = 0,64$, M= 1,00, DP= 3,17) revelam uma boa consistência interna (Marôco, 2014).

Por último, a última dimensão apresenta uma consistência interna muito baixa ($\alpha = 0,30$, M= 11,00, DP= 9,08), o que levou à exclusão desta dimensão para posterior análise de resultados (Marôco, 2014) (Anexo H).

Tabela 2- Análise fatorial da FACES IV com o Método Rotação Varimax

Itens	1	2	3
“Em que medida achas que estes comportamentos são sérios/graves?”	,871		
“Em que medida achas que estes comportamentos ou os riscos associados são assustadores?”	,794		
“Se alguém da tua idade realizasse estes comportamentos, em que medida achas que a sua vida estaria em risco?”	,791		
“Em que medida achas que a tua vida está em risco ao realizares estes comportamentos?”	,752		
“Em que medida achas que os benefícios destes comportamentos são superiores aos riscos?”	,594		
“Em que medida achas que os teus amigos consideram estes comportamentos de risco?”	,567		
“Em que medida achas que estes comportamentos devem ser conhecidos pelos pais?”	,475		
“Em que medida achas que controlas os riscos quando realizas estes comportamentos?”		,792	
“Se alguém da tua idade tivesse estes comportamentos, em que medida achas que ele/a controlaria os riscos?”		,742	

“Qual a percentagem de pessoas da tua idade que achas que realiza estes comportamentos?”	,815
“Em que medida os riscos associados a estes comportamentos são conhecidos para as pessoas da tua idade?”	,665

Escala Perceção do Falso Self

A EPFS (Anexo I) é uma escala unifatorial, criada por Weir e Jose (2010), que avalia o falso self em geral, não sendo apropriada para avaliar contextos específicos. Esta escala não tendo sido, ainda, validada para a população portuguesa, revelou uma boa consistência interna em estudos anteriores (Weir & Jose, 2010).

O instrumento é composto por 10 itens apresentados em formato de uma escala de Likert de 5 pontos, desde 1- Discordo fortemente a 5- Concordo fortemente. Esta escala foi escolhida por avaliar, de modo simples e rápido, manifestações comportamentais de um falso *self* (“*eg.*: Eu ajo de uma forma mas quero agir de outra”; “Eu digo o que penso mesmo se for diferente da opinião dos outros”). Referir, ainda, que existem três itens de cotação invertida.

Em relação às qualidades psicométricas da escala obteve-se um alfa de Cronbach $\alpha=0,73$, o que revela uma consistência interna satisfatória, uma média de 28,19 e desvio padrão de 6,55 (Marôco, 2014) (Anexo J).

6.3. Procedimento

Inicialmente, foi estabelecido um contacto pessoal com as entidades responsáveis de duas escolas públicas. Foram, depois, dados a conhecer os objetivos gerais do estudo, os instrumentos a utilizar e o tipo de participantes que se pretendia obter.

Após a autorização de ambos os diretores das respetivas escolas, selecionaram-se diversas turmas do 10º ano ao 12º ano e, conseqüentemente, foi distribuído aos encarregados de educação desses alunos uma carta de consentimento informado (Anexo L) para que os adolescentes pudessem participar na investigação.

Recolhidos os consentimentos informados, procedeu-se à recolha de dados. Os questionários foram aplicados em contexto de sala de aula, tendo havido uma prévia apresentação e explicação dos objetivos da presente investigação. Foi, também, referido

e sublinhado que as respostas dos alunos seriam anónimas e confidenciais, tentando, assim, apelar à sinceridade nas respostas.

Posteriormente à recolha dos questionários, iniciou-se o tratamento dos dados e análise dos mesmos, através do programa *IBM SPSS Statistics*, tendo sido analisadas as propriedades psicométricas das escalas utilizadas e, de seguida, realizaram-se os testes estatísticos necessários por forma a corroborar as hipóteses propostas em estudo.

7. Resultados

Para recurso à análise estatística foi utilizado o Software SPSS Statistics (v. 22, Chicago, IL). Na análise de resultados, assume-se que as distribuições cumprem o pressuposto de normalidade dos testes paramétricos, uma vez que a amostra em estudo apresenta uma dimensão razoável a ponto de se evocar o Teorema do Limite Central (superiores a 25-30 sujeitos), com uma distribuição da média amostral aproximada à normal (Marôco, 2010).

Realizou-se uma análise das correlações entre os diferentes rácios do Modelo Circumplexo verificando-se que todos os rácios se encontram positivamente correlacionados (Tabela 3), revelando por exemplo que níveis equilibrados de Coesão estão associados a níveis equilibrados de Flexibilidade Familiar.

Tabela 3- Análise das Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo

	1	2	3
1. Rácio Coesão	-		
2. Rácio Flexibilidade	,575**	-	
3. Rácio Funcionamento Familiar	,890**	,884**	-

** $p < .01$

7.1. Funcionamento familiar e comportamento desviante

Posto isto, pôs-se em prática a análise das hipóteses em estudo formuladas com base na revisão de literatura. Quanto à primeira hipótese em estudo “esperava-se que a Coesão Familiar tivesse um maior impacto no Comportamento Desviante do jovem, comparativamente à Flexibilidade Familiar”.

Procedeu-se a uma análise de correlação de *Pearson* entre o Rácio do Funcionamento Familiar, coesão e flexibilidade familiar, e o comportamento desviante, onde se evidenciou a presença de uma correlação negativa estatisticamente significativa, isto é, à medida que o funcionamento familiar melhora, a prática de comportamentos desviantes por parte dos jovens diminui e vice-versa.

Especificamente, os rácios de Coesão e Flexibilidade também se encontram correlacionados significativamente e de forma negativa com o Comportamento Desviante, ou seja, quanto mais equilibrada e funcional for a Coesão e Flexibilidade Familiar, menos comportamentos desviantes existirão por parte dos jovens. Os valores obtidos encontram-se resumidos na tabela 4.

Tabela 4- Análise das Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo e Comportamento Desviante

	1	2	3	4
1. Rácio Coesão	-			
2. Rácio Flexibilidade	,575**	-		
3. Rácio Funcionamento Familiar	,890**	,884**	-	
4. Comportamento Desviante	-,256**	-,195**	-,254**	-

** $p < .01$

Uma vez que se verificou que tanto a Coesão como a Flexibilidade Familiar estão correlacionadas com o desvio, de seguida apurou-se qual destas dimensões tem um maior impacto no Comportamento Desviante do jovem.

Assim, através de uma regressão linear, pôde perceber-se que a dimensão da Coesão tem uma maior influência no Comportamento Desviante ($\beta = -.256$, $p < .01$, $R^2 = .065$), comparativamente  Flexibilidade, a qual desempenha um papel mais fraco na predico do Comportamento Desviante ($\beta = -.195$, $p < .01$, $R^2 = .038$). Neste sentido, confirma-se então a primeira hipótese de investigao de que a Coesão Familiar tem maior impacto no Comportamento Desviante do jovem do que a Flexibilidade Familiar.

7.2. A percepo de risco como mediadora entre o funcionamento familiar e a desvncia juvenil

Em relao  terceira hipótese em estudo, esta sugeria a existência de um efeito mediador da variável Percepo de Risco (Gravidade e Controlo dos Riscos) na relao entre o Funcionamento Familiar e os Comportamentos Desviantes do adolescente, na medida em que quanto mais equilibrada for a coesão e flexibilidade familiar do jovem,

maior a sua percepção de risco e, conseqüentemente, menos envolvimento em comportamentos desviantes.

Previamente ao teste do efeito mediador de qualquer variável, é necessária a verificação de três condições- propostas por Baron e Kenny (1986). A primeira condição é a de que a variável independente deve ter um impacto significativo na variável dependente. A segunda condição é a de que a variável independente deve ter um impacto significativo na variável mediadora. A terceira condição é a de que a variável mediadora deve ter um impacto significativo na variável dependente.

Inicialmente, verificou-se que a dimensão Controlo dos Riscos, não está estatisticamente correlacionada com a Coesão, com a Flexibilidade, nem com o Comportamento Desviante. Neste seguimento, não se pode prosseguir para uma análise de mediação tendo como variável mediadora o Controlo dos Riscos, uma vez que não se verificam as correlações entre as variáveis (Tabela 5).

Tabela 5- Análise das Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo, as dimensões da Percepção de Risco e Comportamentos Desviantes

	1	2	3	4	5
1. Rácio Flexibilidade	-				
2. Rácio Coesão	,575**	-			
3. Gravidade Riscos	,173*	,261**	-		
4. Controlo Riscos	,054	,038	-,211**	-	
5. Comportamento Desviante	-,195**	-,256**	-,373**	,081	-

** $p < .01$

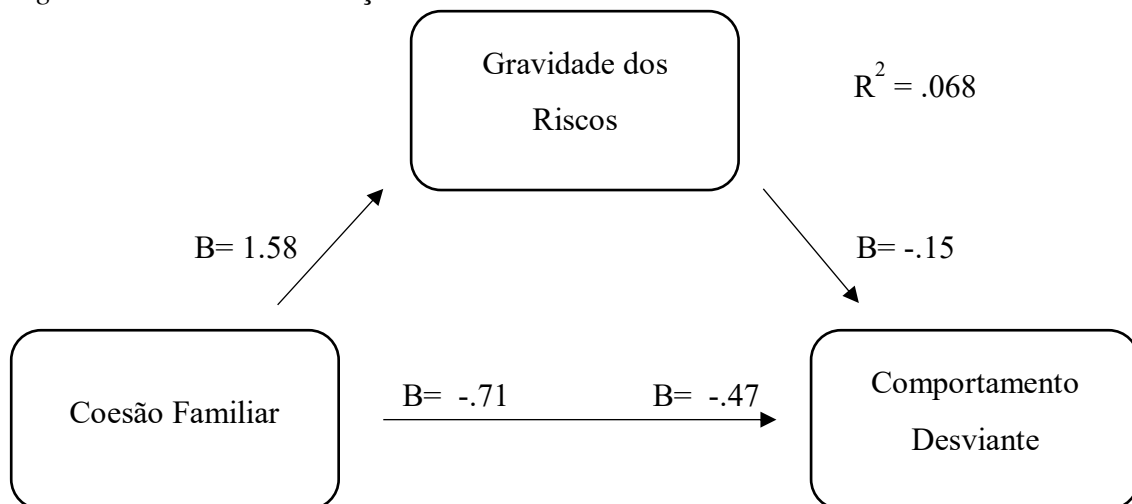
* $p < .05$

De seguida, verificou-se que existe impacto significativo de ambas as variáveis Coesão ($\beta = .26, p < .01, R^2 = .068$) e Flexibilidade ($\beta = .17, p < .05, R^2 = .030$) na Gravidade dos Riscos e que, por sua vez, esta última dimensão tem impacto significativo nos Comportamentos Desviantes ($\beta = .37, p < .01, R^2 = .0139$). Por último, e como se verificou na análise da hipótese anterior, existe uma correlação e impacto significativos tanto da Coesão ($\beta = -.256, p < .01, R^2 = .065$) como da Flexibilidade ($\beta = -.195, p < .01, R^2 = .038$) no Comportamento Desviante.

Assim, confirmados os pressupostos necessários (Baron e Kenny, 1986), pôde prosseguir-se para a análise de mediação, apresentando a Gravidade dos Riscos como variável mediadora, sendo que se analisou o efeito mediação (ou efeito indireto) e a sua significância estatística utilizando o programa *Process* e o método *Bootstrapping* que considera os intervalos de confiança (CI) a 95%.

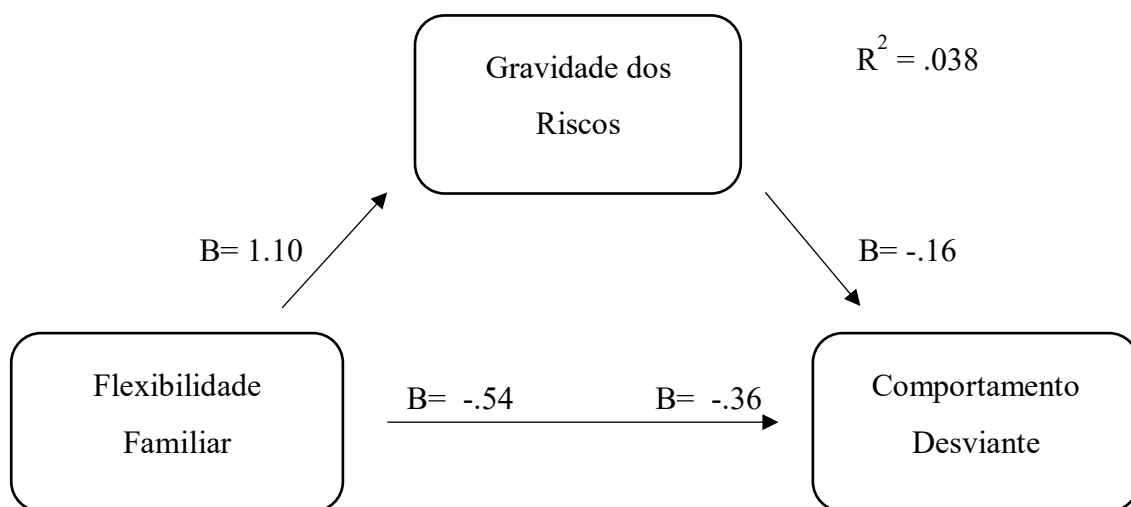
Na análise de mediação da variável Gravidade dos Riscos na relação da Coesão com o Comportamento Desviante, verificou-se que existe uma diminuição do efeito total para o efeito direto, sendo este um dos aspetos necessários a uma análise de mediação significativa. Pôde, então, concluir-se que o efeito indireto, da Coesão sobre o Comportamento Desviante, mediado pela Gravidade dos Riscos significativo e parcial dentro dos intervalos de confiança CI 95% superior e inferior (95% CI= -.424, -.093) (Figura 3).

Figura 3- Modelo de mediação



Na análise de mediação da variável Gravidade dos Riscos na relação da Flexibilidade com o Comportamento Desviante, verificou-se que existe uma diminuição do efeito total para o efeito direto. Mais se conclui que existe, também, um efeito de mediação parcial da variável Gravidade dos Riscos na relação entre a Flexibilidade Familiar e o Comportamento Desviante do jovem, uma vez que o intervalo de confiança é significativo (95% CI= -.374, -.031) (Figura 4).

Figura 4- Modelo de mediação



Assim, é possível corroborar a segunda hipótese de investigação, na medida em que apenas a variável Gravidade de Risco é mediadora tanto na relação entre a Coesão e o desvio, como entre a Flexibilidade e o Comportamento Desviante.

Ou seja, quanto maior e mais equilibrada a Coesão, maior é a percepção da Gravidade dos Riscos do jovem e, conseqüentemente, este apresenta menos comportamentos desviantes.

Da mesma maneira se verifica que quanto mais equilibrada (ou maior) a Flexibilidade Familiar, maior a percepção da Gravidade dos Riscos, levando a um menor número de comportamentos desviantes apresentados pelo jovem.

7.3. A percepção de falso *self* como variável mediadora entre o funcionamento familiar e a desviância juvenil

No que respeita à terceira hipótese de investigação, sugeria a existência de um efeito mediador da variável Falso Self na relação entre o Funcionamento Familiar (Coesão e Flexibilidade) e os Comportamentos Desviantes do adolescente.

Tabela 6- Análise das Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo, o Falso Self e Comportamento Desviante

	1	2	3	4
Rácio Coesão	-			
Rácio Flexibilidade	,575**	-		
Falso Self	-,402**	-,357**	-	
Comportamento Desviante	-,256**	-,195**	,174*	-

** $p < .01$

* $p < .05$

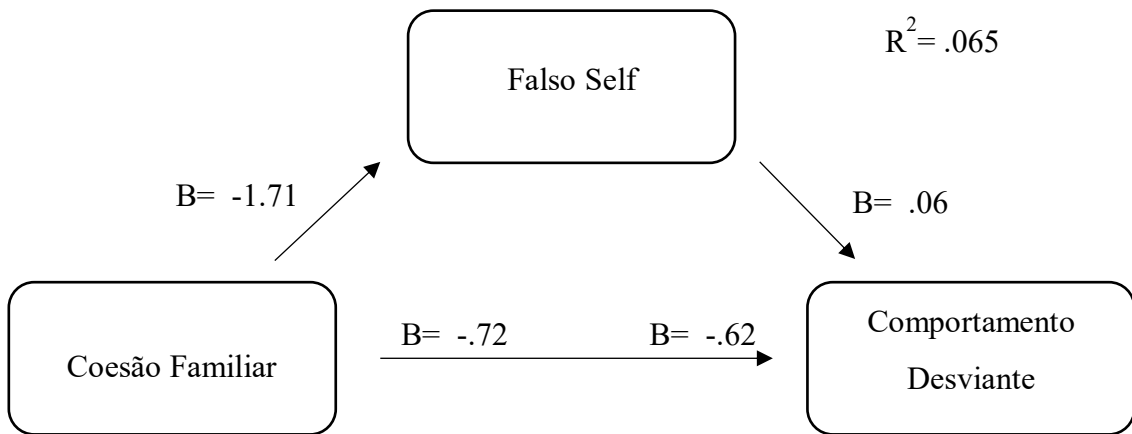
Procedeu-se, então, à averiguação dos pressupostos para a análise de mediação (Baron e Kenny, 1986), o que confirmou a correlação entre todas as variáveis em estudo nesta hipótese (Tabela 6). Verificou-se que tanto a Coesão ($\beta = -.40$, $p < .01$, $R^2 = .162$) como a Flexibilidade Familiar ($\beta = -.36$, $p < .01$, $R^2 = .127$) têm um impacto significativo na perceção de Falso Self. Por sua vez, a variável de perceção do Falso Self impacta significativamente o Comportamento Desviante ($\beta = -.17$, $p < .05$, $R^2 = .030$). Por último, e como se verificou anteriormente, existe uma correlação e impacto significativos tanto da Coesão ($\beta = -.256$, $p < .01$, $R^2 = .065$) como da Flexibilidade ($\beta = -.195$, $p < .01$, $R^2 = .038$) no Comportamento Desviante.

De seguida, analisou-se então o efeito de mediação e os seus resultados utilizando o programa *Process* e o método *Bootstrapping* que considera os intervalos de confiança a 95%.

Na análise de mediação da variável Falso Self na relação da Coesão com o Comportamento Desviante, verificou-se que existe uma diminuição do efeito total para o efeito direto - sendo esta uma das condições que se verifica numa análise de mediação significativa (Figura 5).

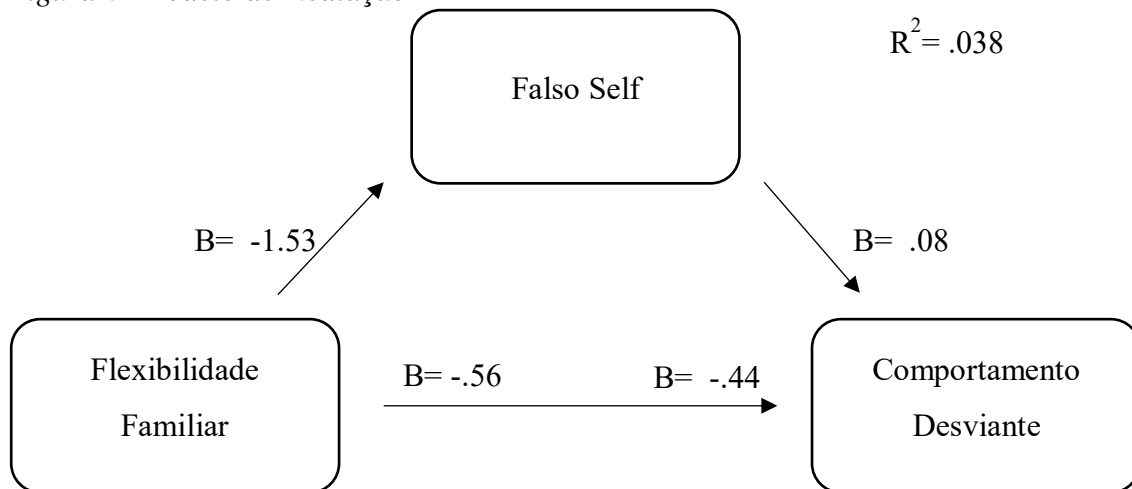
Apesar desta diminuição, mais se conclui que o efeito indireto desta variável mediadora não é significativo na relação entre a Coesão e o Comportamento Desviante, uma vez que existe um efeito nulo dentro dos intervalos de confiança (95% CI = $-.303$, $.084$).

Figura 5- Modelo de mediação



O mesmo se verificou para a dimensão da Flexibilidade, não se confirmando um efeito de mediação significativo do Falso Self, tendo em conta o intervalo de confiança CI 95% (95% CI= $-.323, .044$), apesar de haver uma diminuição do efeito total para o efeito direto (Figura 6).

Figura 6- Modelo de mediação



Em ambas as mediações, apesar de se verificar uma diminuição do efeito total para o efeito direto, o intervalo de confiança nulo não confirma a significância estatística destes dois modelos de mediação.

Assim, não é possível corroborar a terceira hipótese de investigação, uma vez que não existe mediação da variável de percepção do Falso Self tanto na relação entre a Coesão e o Comportamento Desviante, como na relação entre a Flexibilidade e o desvio.

8. Discussão

O presente estudo foi realizado com o objetivo de averiguar em que medida o sistema familiar (funcional *vs* disfuncional) dos adolescentes se relaciona com o seu envolvimento em condutas desviantes, bem como o de analisar o efeito mediador da percepção de risco e percepção do falso *self* nessas mesmas condutas.

De uma forma geral, ambos os rácios de coesão e flexibilidade familiar se relacionam de forma linear com o comportamento desviante juvenil, no sentido em que quanto mais equilibrados e funcionais forem os níveis de coesão, menos condutas desviantes os jovens apresentam, confirmando-se a mesma lógica para o rácio da flexibilidade.

Em relação às análises de mediação, verifica-se um efeito mediador da percepção de risco entre o rácio da coesão e a conduta desviante do jovem, mas o mesmo não se verificou para o rácio da flexibilidade. No que respeita à variável da percepção de falso *self*, não se verificou efeito de mediação tanto para a coesão, como para a flexibilidade familiar.

8.1. Funcionamento familiar e desviância juvenil

Na primeira hipótese em estudo explorou-se de que forma o rácio do funcionamento familiar influenciava o comportamento desviante do jovem, analisando especificamente tanto o rácio da coesão como o da flexibilidade no sentido de averiguar qual destes duas dimensões teria maior impacto na conduta desviante.

Partiu-se da premissa do Modelo Circumplexo (Olson, 2000) de que sistemas familiares mais funcionais - baseando-se em níveis de coesão e flexibilidade equilibrados - têm jovens que apresentam menos comportamentos de delinquência.

O rácio do funcionamento familiar demonstrou-se significativamente associado ao comportamento desviante dos jovens, revelando como, à medida que o funcionamento familiar melhora, a prática de comportamentos desviantes decresce. Tendo em conta este indicador, pode concluir-se que níveis equilibrados de coesão e flexibilidade familiar se revelam mais saudáveis para o desenvolvimento do jovem, inibindo a prática de condutas desviantes. Contrariamente e perante estes resultados, conclui-se também que práticas desviantes dos jovens podem ser potenciadas quando há um funcionamento familiar menos equilibrado e mais disfuncional.

Os nossos resultados confirmam os dados de outros estudos (Gomes & Pereira, 2014; Padilla-Walker et. al, 2008) uma vez que os jovens provenientes de sistemas familiares equilibrados, com níveis de coesão e flexibilidade funcionais, apresentam menos problemáticas do comportamento desviante.

Também, conforme se revê na investigação, a existência de dinâmicas disfuncionais ligadas à coesão e flexibilidade familiar comprometem o desenvolvimento normativo do jovem, na medida em que potenciam a prática de comportamentos desviantes (Ary et al., 1999; Sprinthall & Collins, 1999).

Uma vez que se pôde demonstrar como o Rácio do funcionamento familiar está significativamente associado ao comportamento delincente juvenil, destaca-se a relevância e a adequação do Modelo Circumplexo (Olson, 2011) no estudo da conduta desviante e delincente.

Especificamente em relação à dimensão de coesão familiar, a qual é definida principalmente pelo laço emocional estabelecido entre todos os membros da família (Olson, 2011), verificou-se que o seu rácio estabeleceu uma relação linear com o comportamento desviante. Isto é, quanto mais funcional a coesão, menos comportamentos desviantes serão exibidos pelos jovens; da mesma maneira, quanto menos funcional o sistema familiar em termos de coesão, mais práticas de desvio se verificam por parte dos jovens.

Estes resultados vão de encontro ao que a literatura reflete: se por um lado, e segundo a investigação, se verifica que níveis disfuncionais de coesão (*e.g.* baixos níveis) proporcionam um aumento do desvio juvenil (Kliewer et al., 2006; Shields & Clark, 1995); por outro, níveis equilibrados de coesão revelam uma adaptação positiva do jovem, refletindo-se em menos comportamentos desviantes (Olson & Gorall, 2003; Padilla-Walker et. al, 2008).

A desviância juvenil, como referem Olson e Gorall (2003), surge então na sequência de relações marcadas por uma elevada separação emocional, em que os membros da família não se apoiam entre eles, nem se envolvem nas vidas uns dos outros.

Em relação à dimensão da flexibilidade familiar, esta tem em conta aspetos como a liderança, organização, disciplina e capacidade de estabilidade e mudança, tendo-se verificado que o seu rácio se estabelece de forma linear com o comportamento desviante. Isto é, quanto mais funcional a flexibilidade familiar, menos comportamentos desviantes os jovens apresentam; no mesmo sentido, quanto menos funcional o rácio de flexibilidade, mais comportamentos desviantes se verificam.

Os resultados do presente estudo revelam-se concordantes com a investigação, que demonstra que níveis disfuncionais de flexibilidade (Shields & Clark, 1995; Sanni et al., 2010; Bullerjahn, 2020) potenciam um aumento de comportamentos desviantes; por outro lado, níveis funcionais de flexibilidade equilibrados inibem a conduta desviante (Ardelt & Day, 2002).

Com base nos resultados, confirma-se então a primeira hipótese em estudo: a coesão tem maior valor preditivo e um maior impacto do que a flexibilidade familiar na conduta desviante juvenil. Este resultado pode em parte ser explicado pelo facto de os jovens que se sentem próximos dos seus cuidadores tenderem a valorizar mais as suas opiniões e corresponder às expectativas, estando mais propensos a procurar orientação e apoio em situações adversas (Ackard et al., 2006). Também, e uma vez que passam mais tempo com a sua família, têm menos oportunidades de se envolver em comportamentos desviantes (Crawford & Novak, 2008).

Destaca-se ainda, a realização de uma meta-análise de estudos longitudinais tendo em conta a relação entre diversos fatores familiares e a delinquência, tendo-se verificado que o envolvimento entre pais e filhos, a socialização e a supervisão parental revelaram ser os preditores mais significativos do comportamento juvenil; contrariamente, a falta de disciplina dos pais revelou ser das variáveis menos significativas (Loeber & Stouthamer-Loeber, 1986). Esta meta-análise suporta, em parte, o facto de a flexibilidade no presente estudo, ter revelado um menor impacto na conduta juvenil, uma vez que a disciplina dos pais está subjacente a esta dimensão, refletindo-se, assim, num modelo menos significativo do que a coesão.

Concluindo, uma família que revela fortes laços emocionais, que partilha atividades e interesses e demonstra uma boa qualidade de liderança, organização e regras relacionais entre os membros, potencia o desenvolvimento normativo e saudável do jovem (Olson, 2011).

8.2. Funcionamento familiar, a perceção de risco e desviância juvenil

Em relação à segunda hipótese em estudo explorou-se de que forma o rácio do funcionamento familiar influencia o comportamento desviante do jovem, tendo em conta a mediação da variável de perceção de risco do adolescente. Analisou-se, especificamente, o efeito do rácio da coesão e da flexibilidade neste modelo de mediação.

Esta hipótese sugeria que jovens provenientes de famílias disfuncionais, ao nível da coesão e flexibilidade, terão uma menor perceção de risco e, por sua vez, apresentam mais comportamentos desviantes.

Primeiramente, perante os resultados, verificou-se que a dimensão Controlo dos Riscos não está correlacionada com as dimensões do Funcionamento Familiar, nem com o Comportamento Desviante. Importa, então, tentar dar resposta com base na literatura, a esta não-existência de relação significativa entre as variáveis.

A perceção de controlo dos riscos relaciona-se com a capacidade do indivíduo de, perante uma determinada situação, conseguir evitar resultados negativos, através de julgamentos que faz relativamente à probabilidade de um comportamento específico resultar num consequência indesejada -como uma perda ou acidente (Skinner, 1995). Vários autores se debruçaram sobre o estudo dos processos cognitivos subjacentes a esse julgamento de probabilidades, realçando dois fatores fundamentais: as informações de frequência, relativas a resultados de situações ou atividades semelhantes em experiências passadas e informações processuais sobre os mecanismos que poderão potenciar um resultado negativo perante aquela situação (Howell e Burnett, 1978; Kahneman et al., 1982).

Neste sentido, destacam-se dois estudos anteriores (Hendrickx et al., 1989; Hendrickx et al., 1992), os quais revelaram como a perceção da probabilidade dos riscos está fortemente relacionada com experiências passadas e os seus resultados e consequências, bem como os vários cenários construídos cognitivamente em relação a possíveis resultados; sendo certo que este tipo de informações e de processos mentais varia de indivíduo para indivíduo e depende de cada situação.

Assim, pode em parte perceber-se como a dimensão da perceção de controlo dos riscos não se apresenta como fator mediador na relação entre o sistema familiar e o desvio, uma vez que a formação dessa perceção de controlo é influenciada por fatores cognitivos específicos de cada indivíduo e de cada situação com que se defronta.

De seguida, perante os resultados, pôde verificar-se como a dimensão da perceção da gravidade dos riscos exerce um efeito mediador na relação entre o sistema familiar e os comportamentos desviantes dos jovens. Neste sentido, a revisão de literatura demonstra como a família consegue exercer um papel na formação da perceção de risco, uma vez que é nas interações com o meio social e familiar que o jovem percebe e entende os riscos associados aos diversos comportamentos (Douglas, 1978; Weick, 1995). Assim,

não se deve desconsiderar o contexto e o meio envolvente do indivíduo na investigação e análise da percepção de risco (Douglas, 1978).

Em concordância com os resultados do presente estudo, que revelam que níveis funcionais, tanto de coesão como de flexibilidade, estão correlacionados com uma maior percepção de risco do adolescente, a investigação demonstra uma associação semelhante entre estas variáveis. No mesmo sentido, níveis disfuncionais do sistema familiar estão associados a uma pior percepção de risco do jovem.

Especificamente em relação à coesão familiar, os resultados de investigações anteriores demonstraram que uma coesão equilibrada, envolvendo vinculação parental e responsividade emocional, influencia positivamente a percepção de risco do filho(a) (Zakiei et al., 2022; Rezaei et al., 2022). Da mesma maneira, se houver uma certa ausência parental e não existir envolvimento nem vinculação, isso minimiza a capacidade de formação da percepção de risco do jovem (Zakiei et al., 2022; Rezaei et al., 2022).

No que respeita à flexibilidade familiar, estudos prévios revelaram como níveis disfuncionais de flexibilidade -associados à falta ou excesso de controlo e monitorização e a questões como a punição corporal e falha no estabelecimento dos limites e regras relacionais entre os membros-, afetam negativamente a percepção de risco do adolescente (Zakiei et al., 2022; Rezaei et al., 2022). Num outro polo, os resultados das investigações revelaram, também, como uma monitorização saudável e um controlo equilibrado- os quais associados a uma flexibilidade equilibrada- influenciam positivamente a percepção de risco (Zakiei et al., 2022; Rezaei et al., 2022). Assim, o jovem consegue adquirir um melhor entendimento daquilo que constitui um risco para a sua saúde tanto física como mental, bem como, por exemplo, das normas sociais e, no geral, do mundo que o rodeia (Weick, 1995).

Do presente estudo, realça-se ainda a significância da correlação entre a gravidade dos riscos e os comportamentos desviantes, no sentido em que uma maior percepção da gravidade dos riscos minimiza a adoção de comportamentos desviantes; da mesma maneira, uma pior percepção dos riscos, potencia a desviância juvenil, tendo-se verificado o carácter preditivo da percepção dos riscos nos comportamentos do jovem.

Estes resultados revelam-se concordantes com a investigação prévia, a qual demonstra que o nível de envolvimento em comportamentos anti-sociais (*e.g.* importunar os pares), e outros comportamentos como beber, fumar e conduzir, está negativamente relacionado com a percepção de risco, revelando como é mais provável a adoção destes comportamentos quando a percepção de risco é menor (Gullone & Moore, 2000; Essau

(2004). Com base nas investigações, salienta-se –entre outros fatores como características da personalidade, idade, sexo e estatuto sócio-económico da família- o caráter preditivo da perceção de risco nos comportamentos do jovem, verificando-se, também, este aspeto no presente estudo (Gullone & Moore, 2000; Essau, 2004; Rezaei et al., 2022).

Posto isto, apesar de se ter verificado um efeito mediador da perceção da gravidade dos riscos na relação entre o sistema familiar e o desvio juvenil, a variância explicativa destes dois modelos de mediação associados (coesão e flexibilidade discriminadas) é relativamente baixa. Tal evidência poderá dever-se ao facto de existirem outros fatores que terão um maior impacto nestas variáveis, os quais não foram controlados no presente estudo. Aspetos como o estatuto sócio-económico da família, fatores culturais, hábitos dos pais, os comportamentos dos pares e suporte social revelam-se significativos tanto na perceção de risco, como nos comportamentos desviantes (Douglas, 1978; Benthin et al., 1993; Rezaei et al., 2022).

Ainda, na fase da adolescência, os adolescentes tendem a perceber os riscos de variados comportamentos (*e.g.* consumo de álcool e drogas e relações sexuais) como sendo mais benéficos do que prejudiciais, uma vez que esses mesmos comportamentos acarretam consequências positivas, como a aceitação dos pares (Benthin et al., 1993; Hampson et al., 2001). Havendo esta sobreposição dos benefícios, a análise da perceção de risco poderá não se revelar tão fiel e tão preditiva como seria se, por exemplo, se controlasse os efeitos benéficos do comportamento.

Por fim, e como indica Jessor (1984), a adoção deste tipo de comportamentos de risco poderá ser vista como uma via para conseguir atingir certos objetivos, como a independência em relação aos pais e fugir ao controlo parental, o que de outra forma não seria possível.

8.3. Funcionamento familiar, perceção de falso *self* e desviância juvenil

No que toca à terceira hipótese em estudo, explorou-se de que forma o rácio do funcionamento familiar se relaciona com o comportamento desviante, tendo em conta a mediação da perceção do falso *self* do adolescente. Analisou-se, especificamente, o efeito do rácio da coesão e da flexibilidade perante este modelo de mediação, não se tendo verificado a significância do mesmo, tanto para a dimensão de coesão, como para a flexibilidade.

Assim, segundo os resultados, pôde verificar-se que jovens provenientes de famílias com níveis de coesão e flexibilidade equilibrados, têm menor percepção de falso *self*. Da mesma maneira, famílias com níveis disfuncionais de coesão e flexibilidade, potencializam um maior nível de percepção de falso *self* do adolescente.

Perante os resultados de várias investigações, é possível confirmar que questões relacionadas à coesão familiar, como o nível e qualidade de suporte e a limitação de barreiras entre os membros, estão negativamente relacionadas com o desenvolvimento do falso *self* do jovem (Harter et al., 1996; Barber and Harmon 2002; Soenens et al., 2015). Goldner e colaboradores (2016) verificaram que fatores como a manipulação e atribuição de culpa estão negativamente associados a comportamentos de verdadeiro *self*, e negativamente associados a condutas do jovem baseadas no falso *self*.

Em relação à flexibilidade familiar, os resultados do presente estudo revelam-se concordantes com a investigação, no sentido em que níveis disfuncionais de flexibilidade, associados a fatores como a dissolução de papéis e regras relacionais entre os membros, geram uma maior percepção de falso *self* do adolescente (Barber, 2002; Barber and Harmon 2002; Soenens et al., 2015).

Assim, aspetos como a falta de suporte e de validação por parte das figuras parentais e a dissolução dos papéis relacionais impedem o jovem de conseguir desenvolver e consolidar o seu próprio *self* de uma maneira saudável e funcional, potenciando a adoção de um falso *self* (Harter et al., 1996; Goldner et al., 2016; Barber and Harmon 2002; Soenens et al., 2015).

No mesmo sentido, Winnicott (1965) ressalva que o fenómeno do falso *self* é consequência da falta de validação adequada por parte das figuras parentais, estando associado a uma alienação de um sentido de Eu real.

Assim, um jovem que não possua um sentimento de identidade bem definido e consolidado, tem mais necessidade de se apoiar em opiniões externas e depender de outros (Kimmel e Weiner, 1998). Da mesma maneira, um jovem que reconheça e aceite a sua verdadeira identidade é capaz de valorizar o seu modo de ser diferente ou parecido aos demais e consegue reconhecer melhor as suas capacidades e limitações (Kimmel e Weiner, 1998).

Por último, ressalva-se que apesar de ambos os modelos de mediação não se terem revelado significativo, existe uma correlação entre a variável percepção de falso *self* e os comportamentos desviantes. No entanto, este efeito é muito fraco, podendo ser indicado como um dos motivos para a falha de significância deste modelo de mediação.

Assim, e aliado a esta percepção de falso *self*, pode perceber-se que a falta de validação por parte das figuras parentais resulta em sentimentos de auto-desvalorização, o que desencadeia sentimentos de fracasso, levando a uma perda de motivação para corresponder aos padrões normativos sociais (Kaplan et al., 1982). Neste sentido, os comportamentos desviantes poderão ter como função a redução destes sentimentos de rejeição do jovem, podendo encontrar neles uma forma de validação, a qual não obteve anteriormente (Kaplan et al., 1982).

A investigação de Kaplan e outros colaboradores (1978) demonstra como padrões de comportamento desviante emergiram com a função de reduzir os sentimentos de auto-rejeição, uma vez que esses padrões desviantes eram compatíveis com papéis sociais valorizados, conduzindo então a uma maior auto-valorização do adolescente.

Ainda, outros autores ressaltam também como a falta de auto-aceitação se traduz na adoção de um determinado comportamento inautêntico que não deixa transparecer o seu verdadeiro *self*, conduzido por um desejo incessante de se sentir pertencido e validado pelos outros (Michikyan, Dennis, & Subrahmanyam, 2014).

Concluindo, a adolescência é inevitavelmente, uma fase acompanhada pela procura de identidade, sendo que a adoção de um falso *self* é uma tentativa do adolescente se apresentar perante o mundo e os outros de forma a impressionar e obter a sua aceitação e validação (Erikson, 1972; Snyder, 1987; Harter, 2000).

9. Limitações e propostas para estudos futuros

Os resultados do presente estudo confirmaram as hipóteses levantadas, à exceção da terceira hipótese que propunha a mediação da percepção de falso *self* na relação entre o sistema familiar e o comportamento desviante. No entanto, e como se pôde verificar, existe uma correlação significativa desta variável mediadora tanto no funcionamento familiar, como no comportamento desviante.

Não obstante ressalvam-se algumas limitações. Primeiro destaca-se o facto de todos os participantes serem residentes da mesma zona, propondo-se, que investigações futuras tenham em conta uma amostra mais alargada e mais diversificada.

De seguida, outra das limitações prende-se com o facto de ser utilizada uma metodologia transversal, no sentido em que se recolhe os dados num único momento. Propõe-se assim que em estudos futuros se adote uma metodologia longitudinal, de modo a aprofundar a relação entre o sistema familiar e a delinquência, tendo possivelmente um maior controlo das variáveis em questão e um entendimento mais fiel dos comportamentos desviantes.

Ainda, outra limitação diz respeito ao facto de a análise do funcionamento familiar ser baseada no relato de um único elemento. Uma vez que as percepções do sistema familiar poderão variar de indivíduo para indivíduo e consoante as relações intrafamiliares, propõe-se em estudos futuros a utilização de um método multi-informativo que recolha os dados de cada indivíduo constituinte da família, permitindo uma análise mais ampla e detalhada do funcionamento.

Salienta-se também o facto de o instrumento da escala de percepção de risco adaptada para esta investigação e da escala de percepção de falso *self* não se encontrarem, ainda, validadas para a população portuguesa. No entanto, na presente investigação, a dimensão da percepção gravidade dos riscos revelou uma boa consistência interna e a percepção “controlo de riscos” uma fiabilidade razoável, bem como a escala unifatorial de percepção de falso *self*.

Por fim, perante a relação em causa neste estudo, seria interessante analisar também os hábitos quotidianos dos pais dos jovens, a fim de apurar se também eles exibem algum tipo de comportamento desviante. Pois, se assim for, é mais provável que o jovem adote esse tipo de conduta, podendo também influenciar a sua percepção de risco.

Concluindo, espera-se que os resultados da presente investigação amplifiquem a compreensão acerca dos comportamentos desviantes nos jovens e os fatores

potenciadores ou inibidores do mesmo. Neste sentido, é importante este tipo de evidência empírica, de modo a que, posteriormente, numa fase de intervenção junto dos jovens e mesmo das famílias, se possa incidir e trabalhar eficazmente nas várias vertentes que levam o adolescente a adotar comportamentos desviantes.

Referências

- Ackard, D. M., Neumark-Sztainer, D., Story, M., & Perry, C. (2006). Parent-child connectedness and behavioral and emotional health among adolescents. *American Journal of Preventive Medicine*, 30, 59-66
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares: Uma Visão Sistémica* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto
- Ardelt, M., & Day, L. (2002). Parents, siblings, and peers: Close social relationships and adolescent deviance. *The Journal of Early Adolescence*, 22(3), 310-349.
- Ary, D., Duncan, T. E., Biglan, A., Metzler, C. W., Noell, J. W. & Smolkowski, K. (1999). Development of adolescent problem behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 27, 141 – 150.
- Ausloos, G. (2003). *A Competência das Famílias: Tempo, caos, processo*. Lisboa: Climepsi.
- Barber, B. K. (2002). *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. xv-309). American Psychological Association.
- Barber, B. K., & Harmon, E. L. (2002). Violating the self: Parental psychological control of children and adolescents.
- Barnes, G. M., Welte, J. W., Hoffman, J. H., & Dintcheff, B. A. (2005). Shared Predictors of Youthful Gambling, Substance Use, and Delinquency. *Psychology of Addictive Behaviors*, 19(2), 165-174
- Baron, R. & Kenny, D. (1986). The moderator-Mediator Variable Distinction in Social Psychological Research: Conceptual, Strategic, and Statistical Considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51 (6), 1173-1182.
- Benthin, A., Slovic, P., & Severson, H. (1993). A psychometric study of adolescent risk perception. *Journal of adolescence*, 16(2), 153-168.
- Blaske, D., Bourduin, C., Henggeler, S. & Mann, B. (1989). Individual, family, and peer characteristics of adolescent sex offenders and assaultive offenders. *Developmental Psychology*, 25 (5), 846-855.

- Bleiberg, E. (1984). Narcissistic disorders in children. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 48, 501-517.
- Bodemer, N., & Gaissmaier, W. (2015). *Risk perception* (pp. 10-23). Sage.
- Borges, V., & Werlang, B. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 13 e 19 anos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7 (2), 195-209. Brasil
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi.
- Braconnier, A & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bullerjahn, M. (2020). Effects of Perceived Poverty and Chaotic Living Conditions on Externalizing Problems in At-Risk Adolescents.
- Campos, E. P. (2004). Suporte Social e Família. Em: J. Mello Filho, *Doença e Família* (pp. 141 161). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Crawford, L. A., & Novak, K. B. (2008). Parent–child relations and peer associations as mediators of the family structure–substance use relationship. *Journal of Family Issues*, 29, 155–184
- Donaldson, C. D., Handren, L. M., & Crano, W. D. (2016). The enduring impact of parents’ monitoring, warmth, expectancies, and alcohol use on their children’s future binge drinking and arrests: A longitudinal analysis. *Prevention science*, 17(5), 606-614.
- Douglas, M. (1978). *Cultural bias* (No. 35). London: Royal Anthropological Institute.
- Du, X., & Kim, Y. K. (2020). Family functioning and adolescent behavior problems: A moderated mediation model of caregiver depression and neighborhood collective efficacy. *Children and Youth Services Review*, 116, 105270.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E. H. (1987). Remarks on the ‘Wider Identity’. *A New Way of Looking at Things*. New York: WW Norton.
- Essau, C. A. (2004). Risk-taking Behaviour among German Adolescents. *Journal of Youth Studies*, 7(4), 499–512.

- Evans, E. Hawton, K. & Rodham, K. (2004). Factors Associated with Suicidal Behavior Phenomena in Adolescents: a Systematic Review of Population Based Studies. *Clinical Psychology Review*, 24, 957-979.
- Farrington, D. (2008). O desenvolvimento do comportamento criminoso e anti-social da infância à idade adulta. In A. C. Fonseca (Ed.), *A maldade humana: fatalidade ou educação?* (pp.221- 245). Coimbra: Almedina
- Feijó, R. B., & Oliveira, E. A. (2001). Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria*, 77(Supl. 2), 125 - 134.
- Fonseca, A. C. (2002). *Comportamento anti-social e família: uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.
- Goldner, L., Abir, A., & Sachar, C. S. (2017). Adolescents' true-self behavior and parent-adolescent boundary dissolution: The mediating role of rejection sensitivity. *Child Indicators Research*, 10(2), 381-402.
- Gomes, H. M. D. S., & Pereira, M. G. (2014). Funcionamento familiar e delinquência juvenil: A mediação do autocontrole. *Análise Psicológica*, 32, 439-451.
- Pereira, M. G., Gomes, H., Miranda, M., & Candeias, M. D. J. (2020). Coesão e flexibilidade familiar: Validação do pacote FACES IV junto de adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*, 38(1), 111-126.
- Green, E., Mitchell, W., and Bunton, R., 2000. Conceptualising risk and danger: an analysis of young people's perceptions of risk. *Journal of youth studies*, 3 (2), 109-126.
- Grossman, F., Beinashowitz, J., Anderson, L., Sakurai, M., Finnin, L., & Flaherty, M. (1992). Risk and resilience in young adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 21, 529-549.
- Gullone, E., & Moore, S. (2000). Adolescent risk-taking and the five-factor model of personality. *Journal of adolescence*, 23(4), 393-407.
- Hampson, S.E., Severson, H.H., Burns, W.J., et al., 2001. Risk perception, personality factors and alcohol use among adolescents. *Personality and individual differences*, 30, 167-181.

- Harter, S. (1990). Causes, correlates and the functional role of global self-worth; A life-span perspective. In J. Kolligian & R. Sternberg (Eds.), *Perceptions of competence and incompetence across the life-span* (pp. 67-98). NewHaven, CT: Yale University Press.
- Harter, S., Marold, D. B., Whitesell, N. R., & Cobbs, G. (1996). A model of the effects of perceived parent and peer support on adolescent false self behavior. *Child development, 67*(2), 360-374.
- Harter, S., Bresnick, S., Bouchey, H. A., & Whitesell, N. R. (1997). The development of multiple role-related selves during adolescence. *Development and Psychopathology, 9*(4), 835–853.
- Hendrickx, L., Vlek, C., & Oppewal, H. (1989). Relative importance of scenario information and frequency information in the judgment of risk. *Acta Psychologica, 72*(1), 41-63.
- Hendrickx, L., Vlek, C., & Calje, H. (1992). Effects of frequency and scenario information on the evaluation of large-scale risks. *Organizational behavior and human decision processes, 52*(2), 256-275.
- Herman, M. R.; Dornbusch, S. M. Herron, M. C. & Herting, J. R. (1997). The influence of family regulation, connection and psychological autonomy on six measures of adolescent functioning. *Journal of Adolescent Research, 12*, (1), 34 – 67.
- Howell, W. C., & Burnett, S. A. (1978). Uncertainty measurement: A cognitive taxonomy. *Organizational Behavior and Human Performance, 22*(1), 45-68.
- James, W. (1890). The consciousness of self. In W. James (Ed.), *The principles of psychology* (Vol. 1, pp. 291-401). Cambridge, MA: H. Holt.
- Jang, S. J., & Smith, C. A. (1997). A test of reciprocal causal relationships among parental supervision, affective ties, and delinquency. *Journal of Research in Crime and Delinquency, 34*(3), 307-336.
- Kahneman, D., Slovic, S. P., Slovic, P., & Tversky, A. (Eds.). (1982). *Judgment under uncertainty: Heuristics and biases*. Cambridge university press.
- Kaplan, H. B. (1978). Deviant behavior and self-enhancement in adolescence. *Journal of youth and adolescence, 7*(3), 253-277.

- Kaplan, H. B., Martin, S. S., & Robbins, C. (1982). Application of a general theory of deviant behavior: Self-derogation and adolescent drug use. *Journal of Health and Social Behavior*, 274-294.
- Kapungu, C. T., Holmbeck, G. N., & Paikoff, R. L. (2006). Longitudinal association between parenting practices and early sexual risk behaviors among urban African American adolescents: The moderating role of gender. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(5), 783-794.
- Kerr, M., Stattin, H., & Özdemir, M. (2012). Perceived parenting style and adolescent adjustment: Revisiting directions of effects and the role of parental knowledge. *Developmental Psychology*, 48(6), 1540–1553
- Kimmel, D. C., & Weiner, I. (1998). *La adolescencia: una transición del desarrollo*. Ariel.
- Kliewer, W., Murrelle, L., Prom, E., Ramirez, M. Obando, P., Sandi, L. & Karenkeris, M. (2006). Violence Exposure and Drug Use in Central American Youth: Family Cohesion and Parental Monitoring as Protective Factors. *Journal of Research on Adolescence*, 16 (3), 455–478.
- Lidchi, V., & Eisenstein, E. (2004). Adolescentes e Famílias no Contexto Médico. Em: J. Mello Filho, Doença e Família (pp. 217-231). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (1986). *Family Factors as Correlates and Predictors of Juvenile Conduct Problems and Delinquency*. *Crime and Justice*, 7, 29–149.
- Martins, M. (2005). Condutas Agressivas na Adolescência: Factores de Risco e Protecção. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII), 129 – 135.
- Matherne, M. & Thomas, A. (2001). Family Environment as a Predictor of Adolescent Delinquency. *Adolescence*, 36 (144), 655-664.
- Matos, A. C. (2002). *Adolescência, o triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi.
- Medeiros, T. (2000). *Adolescência: Abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento*. Direcção Regional de Educação.

- Michikyan, M., Dennis, J., & Subrahmanyam, K. (2014). Can You Guess Who I Am? Real, Ideal, and False Self-Presentation on Facebook Among Emerging Adults. *Emerging Adulthood*, 3(1), 55–64.
- Minuchin, S. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge: Harvard University.
- Minuchin, S. (1988). *Famílias, funcionamento e tratamento*. São Paulo: Artes Médicas.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis*. Lisboa: Editorial Notícias
- Olson, D. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167.
- Olson, D. & Gorall, D. (2003). Circumplex Model of Marital and Family Systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (3^aed., pp. 514-548). New York: Guilford Press.
- Olson, D. (2011). FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3(1), 64-80.
- Padilla-Walker, L. M., Nelson, L. J., Madsen, S. D., & Barry, C. M. (2008). The role of perceived parental knowledge on emerging adults' risk behaviors. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 847–859.
- Palacios, J. (1995). O que é a adolescência. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*, 1, 263-272.
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1992). Evolution of the self-concept in adolescence and social categorisation processes. *European Review of Social Psychology*, 381- 402.
- Paulino, J. A., & Lopes, R. F. F. (2010). Relação entre percepção e comportamento de risco e níveis de habilidades cognitivas em um grupo de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Psicologia: ciência e profissão*, 30, 752-765.
- Rezaei, P., Aghabayk, K., & Bates, L. (2022). The effect of parenting styles on children's risk perception on roads. *International Journal of Transportation Engineering*, 9(4), 801-818.
- Reeb, B. T., Chan, S. Y. S., Conger, K. J., Martin, M. J., Hollis, N. D., Serido, J., & Russell, S. T. (2015). Prospective effects of family cohesion on alcohol-related

- problems in adolescence: Similarities and differences by race/ethnicity. *Journal of Youth and Adolescence*, 44, 1941-1953.
- Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Riesch, S. Anderson, L. & Krueger, H. (2006). Parent-Child Communication Process: Preventing Children Health Risk Behavior. *Journal of Specialists in Pediatric Nursing* 11, 41-56.
- Sanches, C., & Gouveia-Pereira, M. (2010). Julgamentos de justiça em contexto escolar e comportamentos desviantes na adolescência. *Análise Psicológica*, 1 (28), 71-84.
- Sanni, K. B., Udoh, N. A., Okedij, A. A., Modo, F. N., & Ezeh, L. N. (2010). Family types and juvenile delinquency issues among secondary school students in Akwa Ibom State, Nigeria: counseling implications. *Journal of Social Sciences*, 23(1), 21-28.
- Shields, G. & Clark, R. (1995). Family correlates of delinquency: Cohesion and adaptability. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 22 (2), 93-106
- Simões, M. (2007). *Comportamentos de Risco na Adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Skinner, E. A. (1995). *Perceived control, motivation, & coping* (Vol. 8). Sage.
- Slee, P.T. (1996). Family climate and behavior in families with conduct disordered children. *Child Psychiatry and Human Development* 26, 255 – 266.
- Snyder, M. (1987). *Public appearances, private realities: The psychology of self-monitoring*. New York: Freeman.
- Soenens, B., Vansteenkiste, M., Luyten, P., Duriez, B., & Goossens, L. (2005). Maladaptive perfectionistic self-representations: The mediational link between psychological control and adjustment. *Personality and individual differences*, 38(2), 487-498.
- Sprinthall, N. & Collins, W. (1999). *Psicologia do Adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista*. 2ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Sutherland, E. H. (1939). *Principles of criminology*. Chicago, Lippincott.
- Waller, R., Gardner, F., & Hyde, L. W. (2013). What are the associations between parenting, callous–unemotional traits, and antisocial behavior in youth? A systematic review of evidence. *Clinical psychology review, 33*(4), 593-608.
- Walters, G. D. (2021). Weak parental supervision and lack of child remorse as predictors of proximal crime continuity in early-to-mid adolescent delinquents. *Journal of criminal psychology*.
- Wasserman, G. A., & Seracini, A. M. (2001). Family risk factors and interventions. In R. Loeber & D. P. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention and service needs* (pp. 165-190). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Weinstein, N. D. (1989). Effects of personal experience on self-protective behavior. *Psychol. Bull.* 105: 31–50.
- Williams, P. Holmbeck, G. & Greenley, R. (2002). Adolescent Health Psychology. *Journal of Consulting and Medicine Psychology, 70*, 828-842.
- Wilson, H. (1980). Parental supervision: A neglected aspect of delinquency. *The British Journal of Criminology, 20*(3), 203–235
- Wilson, P. (1999). Delinquency. In M. Lanyado & Horne, (Eds.) *The Handbook of Child & Adolescent Psychotherapy*. 311-327. New York: Routledge
- Winnicott, D.D. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development*. New York: International Universities Press.
- Zimmerman, M., Steinman, K. & Rowe, K. (1998). Violence among urban African American adolescents: the protective effects of parental support. In X. Arriaga & S. Oskamp (Eds.), *Addressing community problems: psychological research and interventions* (pp. 78-103). London: Sage.
- Zakiei, A., Ghasemi, S. R., Komasi, S., Rostampour, M., & Khazaie, H. (2022). Controlling risky behavior associated with AIDS: the role of social support, family functioning, self-efficacy and AIDS risk perception. *BMC psychology, 10*(1), 1-10.

ANEXOS

ANEXO A

Estatística descritiva da amostra

Tabela A1- Estatística descritiva da variável gênero

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Feminino	70	38,5	38,5	38,5
	Masculino	112	61,5	61,5	100,0
	Total	182	100,0	100,0	

Tabela A2- Estatística descritiva da variável idade

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Idade	182	15,00	21,00	17,4890	1,12106
N válido (de lista)	182				

Tabela A3- Estatística descritiva da variável escolaridade

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	10ºano	40	22,0	22,0	22,0
	11ºano	39	21,4	21,4	43,4
	12ºano	103	56,6	56,6	100,0
	Total	182	100,0	100,0	

Tabela A4- Estatística descritiva da variável nacionalidade

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Portuguesa	172	94,5	94,5	94,5
	Angolana	3	1,6	1,6	96,2
	Brasileira	2	1,1	1,1	97,3
	Cabo-verdiana	1	,5	,5	97,8
	Moçambicana	2	1,1	1,1	98,9
	Romena	1	,5	,5	99,5
	Russa	1	,5	,5	100,0
	Total	182	100,0	100,0	

Tabela A5- Estatística descritiva do agregado familiar

Com Quem Vive	N	Porcentagem
Pai	7	3.85
Pai e Mãe	39	21.43
Pai, Mãe e Irmãos	77	42.31
Pai, Mãe, Irmãos e Avós	6	3.30
Pai, Mãe e Outros	1	0.55
Pai, Mãe, Irmãos, Avós e Outros	3	1.65
Pai e Irmãos	1	0.55
Pai, Irmãos e Outros	1	0.55
Pai, Mãe, Irmãos e Outros	3	1.65
Mãe	13	7.14
Mãe e Irmãos	14	7.69
Mãe, Irmãos e Avós	4	2.20
Mãe e Avós	2	1.10
Mãe e Outros	3	1.65
Mãe, Irmãos e Outros	5	2.75
Só avós	2	1.10
Outros	1	0.55
Total	182	100.00

Tabela A6- Estatística descritiva dos adolescentes com familiares criminosos

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Não	154	84,6	85,1	85,1
	Sim	27	14,8	14,9	100,0
	Total	181	99,5	100,0	
Omisso	Sistema	1	,5		
Total		182	100,0		

ANEXO B
Questionário Sociodemográfico

1. Idade: ____ Anos

2. Género:

Feminino Masculino

3. Ano de escolaridade: ____º Ano

4. Com quem vives?

(Assinala todas as opções que se adequem)

Pai

Mãe

Irmã(os)

Avó(s)

Outros _____

5. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa Outra. Qual? _____

6. Qual é a nacionalidade da tua mãe?

Portuguesa Outra. Qual? _____

7. Qual é a nacionalidade do teu pai?

Portuguesa Outra. Qual? _____

8. És religioso/a?

Não Sim. Se sim, qual é a tua religião? _____

9. Qual é a profissão do teu pai? _____

10. Qual é a profissão da tua mãe? _____

11. Tens algum familiar próximo que esteve, ou está, envolvido num processo judicial/criminal (problemas com a polícia/tribunais)?

Não Sim Se sim, por que razão?

Quando?/ Em que ano?

ANEXO C

Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar

1	2	3	4	5
Discordo Fortemente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Fortemente

	1	2	3	4	5
Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros.					
A minha família tenta novas formas de lidar com os problemas.					
Nós damo-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro.					
Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo livre.					
Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras.					
Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar.					
Os membros da minha família sentem-se muito próximos uns dos outros.					
Os pais partilham a liderança na nossa família.					
Os membros da minha família parecem evitar o contacto uns com os outros quando estão em casa.					
Nós ressentimo-nos quando os membros da família fazem coisas fora da família.					
Existem consequências claras quando um membro da minha família faz alguma coisa errada.					
Na nossa família as coisas (tarefas/atividades) não são feitas.					

1	2	3	4	5
Discordo Fortemente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Fortemente

	1	2	3	4	5
Os membros da minha família apoiam-se uns aos outros durante tempos difíceis.					
Na nossa família a disciplina/regras são justas.					
Os membros da minha família sabem muito pouco acerca dos amigos dos outros membros da família.					
Os membros da família sentem-se culpados se quiserem passar o seu tempo longe da família.					
Na nossa família há uma regra para quase todas as situações.					
A nossa família sente-se sobre pressão e desorganizada.					
Os membros da minha família consultam/conversam com os outros membros da família sobre decisões importantes.					
Quando necessário, a minha família é capaz de se ajustar à mudança.					
Os membros da minha família “estão por sua conta” quando existeum problema para resolver.					
Os membros da minha família gostam de passar algum do seu tempo livre uns com os outros.					
Quando surgem problemas, nós estabelecemos compromissos.					
A minha família raramente faz coisas/atividades em conjunto.					

1	2	3	4	5
Discordo Fortemente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Fortemente

	1	2	3	4	5
Os membros da minha família estão satisfeitos com a forma como comunicam uns com os outros.					
Os membros da minha família são muito bons ouvintes.					
Os membros da minha família expressam afetos uns pelos outros.					
Os membros da minha família são capazes de pedir uns aos outros o que querem.					
Os membros da minha família podem calmamente discutir os problemas uns com os outros.					
Os membros da minha família discutem as suas ideias e crenças uns com os outros.					
Quando os membros da minha família fazem perguntas uns sobre os outros obtêm respostas honestas.					
Os membros da minha família tentam compreender os sentimentos uns dos outros.					
Quando zangados, os membros da minha família raramente referem aspetos negativos acerca uns dos outros.					
Os membros da minha família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros.					

ANEXO D

Estatística descritiva e consistência interna do instrumento FACES IV

Coesão equilibrada

Tabela D1- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,799	5

Tabela D2 - Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QFF1	15,89	7,922	,554	,769
QFF7	16,21	6,951	,685	,726
QFF13	15,60	7,324	,661	,736
QFF19	16,05	7,219	,530	,783
QFF22	16,01	8,431	,498	,785

Coesão aglutinada

Tabela D3- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,522	3

Tabela D4- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QFF4	4,31	2,940	,216	,611
QFF10	4,46	2,607	,359	,382
QFF16	4,14	2,359	,447	,229

Coesão desagregada

Tabela D5- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,712	5

Tabela D6- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QFF3	9,08	10,476	,370	,702
QFF9	9,96	9,331	,547	,631
QFF15	9,20	9,727	,483	,658
QFF21	9,96	10,248	,442	,674
QFF24	9,29	9,275	,506	,648

Flexibilidade equilibrada

Tabela D7- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,743	5

Tabela D8- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QFF2	15,06	7,852	,546	,682
QFF8	14,72	8,759	,359	,756
QFF14	14,70	7,668	,615	,655
QFF20	14,52	8,695	,509	,698
QFF23	14,89	8,632	,530	,691

Flexibilidade rígida

Tabela D9- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,769	3

Tabela D10- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QFF5	5,06	3,257	,683	,595
QFF11	4,71	3,428	,624	,666
QFF17	5,31	4,393	,518	,779

Flexibilidade caótica

Tabela D11- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,803	3

Tabela D12- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QFF6	4,03	4,021	,634	,746
QFF12	4,50	4,196	,618	,762
QFF18	4,37	3,704	,697	,679

Tabela D15- Estatísticas descritivas do FACES IV

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Coesão equilibrada	182	1,00	3,00	2,4670	,60065
Coesão aglutinada	182	1,00	5,00	1,4121	,80087
Coesão desagregada	182	1,00	5,00	1,7033	,98041
Flexibilidade equilibrada	182	1,00	3,00	2,1868	,56436
Flexibilidade rígida	182	1,00	5,00	1,9341	1,14479
Flexibilidade caótica	182	1,00	5,00	1,5934	1,14649
FACES IV	182	1,00	5,00	2,713	1,326
N válido (de lista)	182				

ANEXO E

Escala de Variedade de Comportamentos Desviantes

Agora apresentamos-te alguns comportamentos que podem ser realizados por jovens da tua idade. Indica por favor se, durante o último ano, tiveste algum destes comportamentos.

	SIM	NÃO
Foste para a escola o para as aulas depois de teres bebido bebidas alcoólicas?		
Mentiste a adultos (ex: familiares, professores, etc.)?		
Consumiste cocaína ou heroína?		
Usaste uma moto ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono ou proprietário?		
Bateste a um adulto (ex: professor, familiar, agente de segurança, etc.)?		
Andaste em transportes públicos sem pagar bilhete?		
Estragaste ou destruístes bens públicos ou privados (Ex: parquímetros, sinais de trânsito, carros, etc.)?		
Consumiste haxixe (“ganzas”) ou marijuana (“erva”)?		
Roubaste alguma coisa que valia mais do que 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
Faltaste vários dias à escola sem os teus pais saberem?		
Vendeste droga (ex: haxixe, marijuana, cocaína, ectasy, anfetaminas, etc.)?		
Roubaste alguma coisa que valia entre 5 e 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
Faltaste às aulas porque não te apeteceu ir para ficar com colegas ou para ir dar uma volta?		

Conduziste uma moto ou um carro sem ter carta de condução?		
Consumiste LSD (“ácidos”), ecstasy (“pastilhas”) ou anfetaminas (“speeds”)?		
Transportaste uma arma (ex: navalha, pistola, etc.)?		
Roubaste alguma coisa que valia menos de 5 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
Fizeste grafitis em edifícios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc.)?		
Assaltaste um carro, uma casa, loja, escola ou outro edifício?		

ANEXO F

Estatística descritiva e confiabilidade da escala de comportamentos desviantes

Tabela F1- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,902	19

Tabela F2- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QCD1	3,82	15,880	,622	,895
QCD2	3,22	17,003	,232	,907
QCD3	3,97	17,099	,509	,900
QCD4	3,87	16,323	,550	,897
QCD5	3,89	16,354	,575	,897
QCD6	3,65	15,308	,640	,895
QCD7	3,86	16,309	,534	,898
QCD8	3,77	15,832	,576	,897
QCD9	3,90	16,290	,631	,896
QCD10	3,88	16,274	,581	,897
QCD11	3,93	16,356	,703	,895
QCD12	3,86	15,786	,730	,892
QCD13	3,60	15,920	,454	,902
QCD14	3,66	15,691	,539	,898
QCD15	3,93	16,707	,556	,898
QCD16	3,81	15,835	,614	,895
QCD17	3,66	15,602	,564	,897
QCD18	3,87	16,412	,516	,898
QCD19	3,94	16,775	,570	,898

Tabela F3- Estatísticas descritivas do comportamento desviante

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Comportamento desviante	181	,00	18,00	4,0055	4,23674
N válido (de lista)	181				

ANEXO G

Escala de Perceção de Risco

Continuando a pensar nestes comportamentos, gostaríamos que continuasses a responder às questões abaixo, numa escala de 1 a 7.

Em que medida é que os riscos associados a estes comportamentos são conhecidos para as pessoas da tua idade?	Desconhecidos 1	2	3	4	5	6	Muito conhecidos 7
Em que medida é que achas que estes comportamentos devem ser conhecidos pelos pais?	Desconhecidos 1	2	3	4	5	6	Muito conhecidos 7
Em que medida é que achas que a tua vida está em risco ao realizares estes comportamentos?	Nada em risco 1	2	3	4	5	6	Muito em risco 7
Se alguém da tua idade realizasse estes comportamentos, em que medida é que achas que a sua vida estaria em risco?	Nada em risco 1	2	3	4	5	6	Muito em risco 7
Se alguém da tua idade fizesse estes comportamentos, em que medida é que achas que ele/a controlaria os riscos associados?	Os riscos não podem ser controlados 1	2	3	4	5	6	Os riscos podem ser completamente controlados 7
Em que medida é que achas que controlas os riscos quando realizas estes comportamentos?	Os riscos não podem ser controlados 1	2	3	4	5	6	Os riscos podem ser completamente controlados 7
Em que medida é que achas que os benefícios destes comportamentos são	Riscos muito maiores do que os benefícios 1	2	3	4	5	6	Benefícios muito maiores do que os riscos 7

superiores aos riscos?							
Em que medida é que achas que os teus amigos consideram estes comportamentos de risco?	Nada arriscados 1	2	3	4	5	6	Muito arriscados 7
Em que medida é que achas que estes comportamentos são sérios/ graves?	Nada graves 1	2	3	4	5	6	Muito graves 7
Em que medida é que achas que estes comportamentos ou os riscos associados são assustadores?	Nada assustadores 1	2	3	4	5	6	Muito assustadores 7
Qual a percentagem de pessoas da tua idade é que achas que realiza estes comportamentos	0-20%	20%- 40%	40%- 60%	60%- 80%	80%- 100%		

ANEXO H

Análise fatorial da escala de percepção de risco

Tabela H1- Análise fatorial e variância explicada

Comp onente	Autovalores iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas de rotação de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variân cia	% cumulati va	Tot al	% de variân cia	% cumulati va	Tot al	% de variân cia	% cumulati va
1	3,783	34,392	34,392	3,78 3	34,392	34,392	3,66 6	33,330	33,330
2	1,621	14,734	49,127	1,62 1	14,734	49,127	1,65 9	15,086	48,416
3	1,184	10,761	59,888	1,18 4	10,761	59,888	1,26 2	11,472	59,888
4	,921	8,370	68,258						
5	,833	7,575	75,832						
6	,742	6,748	82,581						
7	,573	5,205	87,786						
8	,468	4,257	92,043						
9	,386	3,508	95,551						
10	,266	2,415	97,966						
11	,224	2,034	100,000						

Dimensão 1- Percepção da gravidade dos riscos

Tabela H2- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,825	7

Tabela H3- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QPR9	28,88	57,720	,792	,763
QPR10	29,53	58,036	,720	,774
QPR4	29,08	60,242	,669	,784
QPR3	29,13	58,818	,641	,788
QPR7	28,87	64,366	,482	,815
QPR8	29,77	69,274	,375	,830
QPR2	28,70	70,165	,320	,839

Dimensão 2- Percepção de controlo dos riscos

Tabela H4- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,637	2

Tabela H5- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QPR5	4,12	3,694	,470	.
QPR6	3,38	3,031	,470	.

Dimensão 3

Tabela H6- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,303	2

Tabela H7- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QPR1	3,14	1,186	,191	.
QPR11	5,28	2,522	,191	.

Tabela H8- Estatísticas de confiabilidade da escala total

Alfa de Cronbach	N de itens
,690	9

Tabela H9- Estatísticas descritivas da escala total

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Percepção Risco	178	17,00	63,00	41,5112	8,96713
N válido (de lista)	178				

ANEXO I

Escala de Percepção de Falso Self

De seguida encontra-se um conjunto de afirmações, por favor assinala a opção que melhor descreve como te vês a ti próprio. Podes concordar ou discordar destas afirmações, não há respostas certas ou erradas. É importante que respondas com sinceridade, estamos interessados em saber como realmente te vês, não em como pensas que deverias ver.

1	2	3	4	5
Discordo Fortemente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Fortemente

	1	2	3	4	5
Eu ajo de uma forma, mas quero agir de outra.					
Escondo os meus sentimentos verdadeiros se acho que vão incomodar os outros.					
Não deixo que as pessoas vejam o meu verdadeiro eu.					
Fico calado quando não concordo com os outros.					
Ao imitar os outros, escondo o meu verdadeiro eu.					
Eu digo o que penso mesmo se for diferente da opinião dos outros.					
O que eu digo por fora é diferente do que penso por dentro.					
As minhas opiniões expressam quem realmente sou.					
Os sentimentos das outras pessoas são mais importantes do que os meus.					
Posso falar abertamente com os outros acerca dos meus sentimentos.					

ANEXO J

Estatísticas descritivas e confiabilidade da escala de percepção de falso *self*

Tabela J1- Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,730	10

Tabela J2- Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QFS1	25,14	33,880	,514	,688
QFS2	24,60	34,019	,503	,690
QFS3	25,43	31,915	,612	,669
QFS4	25,66	33,859	,514	,688
QFS5	25,55	35,652	,370	,712
QFS6	25,29	40,307	,081	,753
QFS7	25,68	34,032	,607	,678
QFS8	25,85	40,459	,091	,749
QFS9	25,39	37,002	,301	,722
QFS10	25,08	36,816	,325	,719

Tabela J3- Estatísticas Descritivas da EPFS

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Falso Self	182	13,00	47,00	28,1868	6,55012
N válido (de lista)	182				

ANEXO L

Carta de autorização dos Encarregados de Educação



Autorização do Encarregado de Educação

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno _____, da Escola _____, do ___Ano, declaro que autorizo o meu educando a participar num estudo relativo aos comportamentos de risco dos adolescentes e os fatores associados, realizado no âmbito de uma dissertação de mestrado do ISPA – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. A sua participação pressupõe o preenchimento de um questionário, cujas respostas são anónimas e confidenciais.

Ao dispor para qualquer esclarecimento, junto do seguinte e-mail: filipa.martins.garcia@gmail.com.

Assinatura

____/____/____

Data

ANEXO M

Tabela M1- Análise de Correlações de Pearson entre os Rácios de Funcionamento Familiar e Comportamento Desviante

		1	2	3	4
1. Rácio Coesão	Correlação de Pearson	1			
	Sig. (2 extremidades)				
2. Rácio Flexibilidade	Correlação de Pearson	,575**	1		
	Sig. (2 extremidades)	<,001			
3. Rácio Funcionamento Familiar	Correlação de Pearson	,890**	,884**	1	
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001		
4. Comportamento Desviante	Correlação de Pearson	-,256**	-,195**	-,254**	1
	Sig. (2 extremidades)	<,001	,009	<,001	

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

ANEXO N

Tabela N1- Correlações Análise de Correlações de Pearson os Rácios de Funcionamento Familiar, a Perceção Risco e o Comportamento Desviante

		1	2	3	4	5
1. Rácio Coesão	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades)	1				
2. Rácio Flexibilidade	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades)	,575**	1			
3. Rácio Funcionamento Familiar	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades)	,890**	,884**	1		
4. Perceção Risco	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades)	,281**	,202**	,273**	1	
5. Comportamento Desviante	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades)	-,256**	-,195**	-,254**	-,357**	1

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

ANEXO O

Tabela O1- Análise de Correlações de Pearson os Rácios de Funcionamento Familiar, o Falso Self e Comportamento Desviante

		1	2	3	4	5
1. Rácio Coesão	Correlação de Pearson	1				
	Sig. (2 extremidades)					
2. Rácio Flexibilidade	Correlação de Pearson	,575**	1			
	Sig. (2 extremidades)	<,001				
3. Rácio Funcionamento Familiar	Correlação de Pearson	,890**	,884**	1		
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001			
4. Falso Self	Correlação de Pearson	-,402**	-,357**	-,428**	1	
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001		
5. Comportamento Desviante	Correlação de Pearson	-,256**	-,195**	-,254**	,174*	1
	Sig. (2 extremidades)	<,001	,009	<,001	,020	

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).